

LITERACIA E SUCESSO ESCOLAR DOS ESTUDANTES IMIGRANTES

Para assinalar o Dia Internacional dos Estudantes, 17 de novembro de 2020

Como Citar: Monteiro, Rita (2020), “Literacia e Sucesso Escolar dos Estudantes Imigrantes”, Boletim Estatístico OM Nº6, Coleção *Imigração em Números* (coordenação de Catarina Reis Oliveira), Observatório das Migrações. ISBN: 978-989-685-113-2. Disponível em: <http://www.om.acm.gov.pt/publicacoes-om/colecao-imigracao-em-numeros/boletins-estatisticos>

Introdução

Para assinalar o Dia Internacional dos Estudantes, 17 de novembro, o Observatório das Migrações (OM) dedica este sexto Boletim Estatístico da sua Coleção *Imigração em Números* ao tema da literacia e do sucesso escolar dos imigrantes, recorrendo a indicadores internacionais disponíveis, com foco nos resultados de Portugal.

A literacia e o sucesso escolar são componente-chave dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 das Nações Unidas, sendo no objetivo 4, sobre Educação e Qualidade, defendido o acesso universal à educação de qualidade e a oportunidades de aprendizagem ao longo da vida. Neste âmbito, a integração de estudantes imigrantes no sistema educativo e o seu desempenho escolar têm-se assumido como problemáticas de estudo importantes. Os estudantes imigrantes têm de se ajustar a regras académicas, expectativas e objetivos escolares que podem ser muito distintos dos do seu país de origem, e aprender numa nova língua, fatores que podem conduzir a desafios ou dificuldades de aprendizagem nas sociedades de acolhimento. Inúmeros estudos internacionais comparados evidenciam que, de uma forma geral, os imigrantes tendem a apresentar maiores dificuldades em obter bons resultados escolares quando comparados com os nacionais dos países de acolhimento. Por outro lado, identifica-se que as maiores dificuldades ou piores desempenhos escolares não se associam exclusivamente à condição imigrante, mas sobrepõem-se às condições socioeconómicas de partida dos estudantes.

Em Portugal, ao longo das últimas décadas (em especial a partir da década de 1980) o sistema educativo tem vindo a deparar-se com a crescente necessidade de acolher e integrar a diversidade cultural e linguística no seu seio, acompanhando e respondendo ao próprio crescimento e diversificação dos fluxos imigratórios para o país. A primeira iniciativa de grande vulto em Portugal que definiu novas respostas do Ministério da Educação a essas necessidades foi definida em 1991, com a criação de um organismo designado por Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural – Secretariado Entreculturas –, com o objetivo de conceber programas de educação intercultural e respostas pedagógicas que promovessem uma maior igualdade de oportunidades no acesso e no sucesso de todos os alunos, promovendo também a recolha de informação estatística sobre a presença de crianças de origem imigrante no sistema educativo. Integrado em 2004 no então Alto Comissariado para a Imigração e as Minorias Étnicas (atual Alto Comissariado para as Migrações, ACM), este secretariado expandiu a sua intervenção para a formação em educação intercultural para professores e outros agentes educativos, produzindo, editando e divulgando instrumentos pedagógicos. Desde então muitas outras iniciativas procuraram reforçar a intervenção no apoio à integração escolar de estudantes imigrantes no país, entre as quais destaca-se o Kit Intercultural Escolas, a Bolsa de Formadores e o Selo Escola Intercultural, promovido em conjunto com a Direção-Geral da Educação (DGE).

Ainda que persistam alguns desafios no sistema educativo nacional, Portugal teve uma evolução positiva na integração dos alunos de origem imigrante, conforme têm mostrado os resultados do *Programme for International Student Assessment* (PISA) e os dados administrativos nacionais acerca do aproveitamento escolar dos alunos estrangeiros, que são aqui analisados por Rita Monteiro, autora deste Boletim Estatístico.

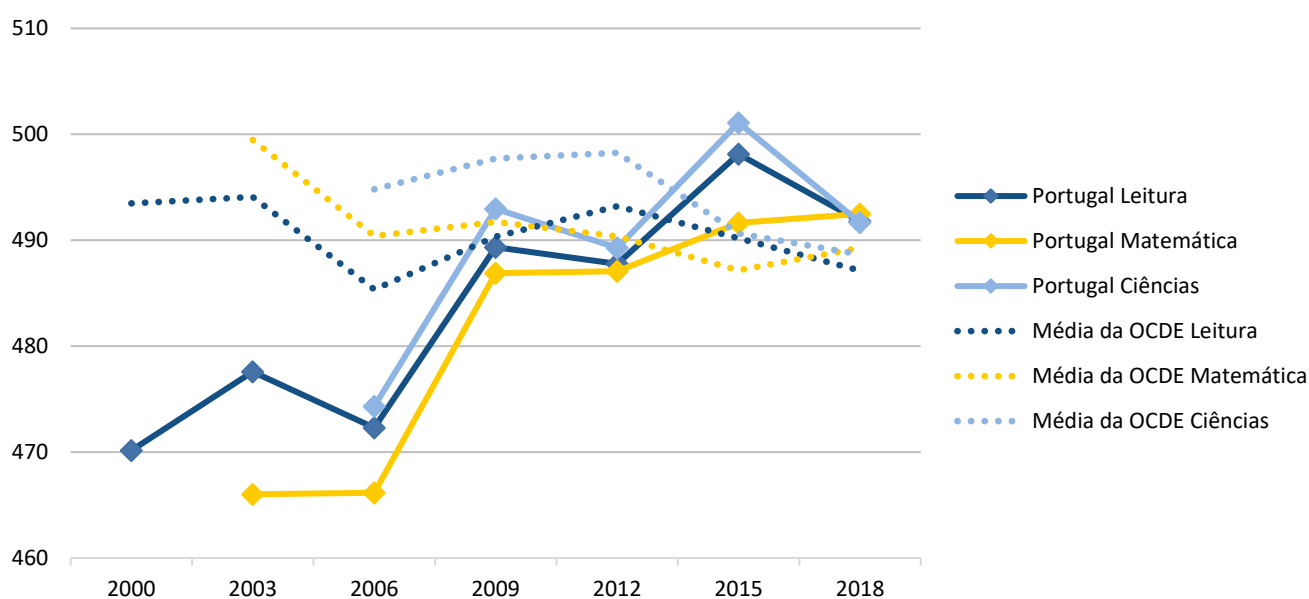
Catarina Reis Oliveira
Diretora do Observatório das Migrações

1. Desempenho dos sistemas educativos: Portugal no contexto da OCDE

Os sistemas educativos desempenham um papel fulcral no desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade e na facilitação da integração e da equidade social. No plano internacional, verificam-se diferenças acentuadas na forma como os sistemas educativos se organizam e conseguem potenciar o pleno desenvolvimento de conhecimentos e competências e dar resposta aos desafios de inclusão social. Com o objetivo de conduzir uma avaliação comparativa e compreensiva do desempenho sistemas educativos, a OCDE implementa, desde o ano de 2000, o *Programme for International Student Assessment (PISA)*, através do qual se procura compreender como é que o desempenho dos estudantes dos vários países se relaciona com características dos próprios, das suas famílias, das escolas que frequentam e dos sistemas educativos em que se enquadram, de forma a ajudar a definir políticas educativas centradas na melhoria da qualidade, eficiência e equidade destes sistemas ([PISA, 2019a](#)).

O PISA avalia, com uma frequência trianual, a literacia de jovens de 15 anos dos vários países da OCDE, e de outros países parceiros, em três domínios: leitura, ciências e matemática. Esta avaliação não se centra em conteúdos programáticos escolares, mas sim na capacidade dos estudantes mobilizarem os conhecimentos e competências adquiridos ao longo do percurso escolar para a resolução de problemas concretos do dia-a-dia. Em cada edição é realizada uma avaliação mais aprofundada de um dos domínios, tendo a mais recente edição decorrido no ano de 2018 (com publicação dos resultados em dezembro de 2019), com a leitura como domínio principal de avaliação, tal como já tinha acontecido nos anos de 2000 e 2009 ([PISA, 2019a](#)).

Pontuações médias obtidas pelos estudantes em Portugal nos domínios PISA, face à média da OCDE, entre 2000 e 2018



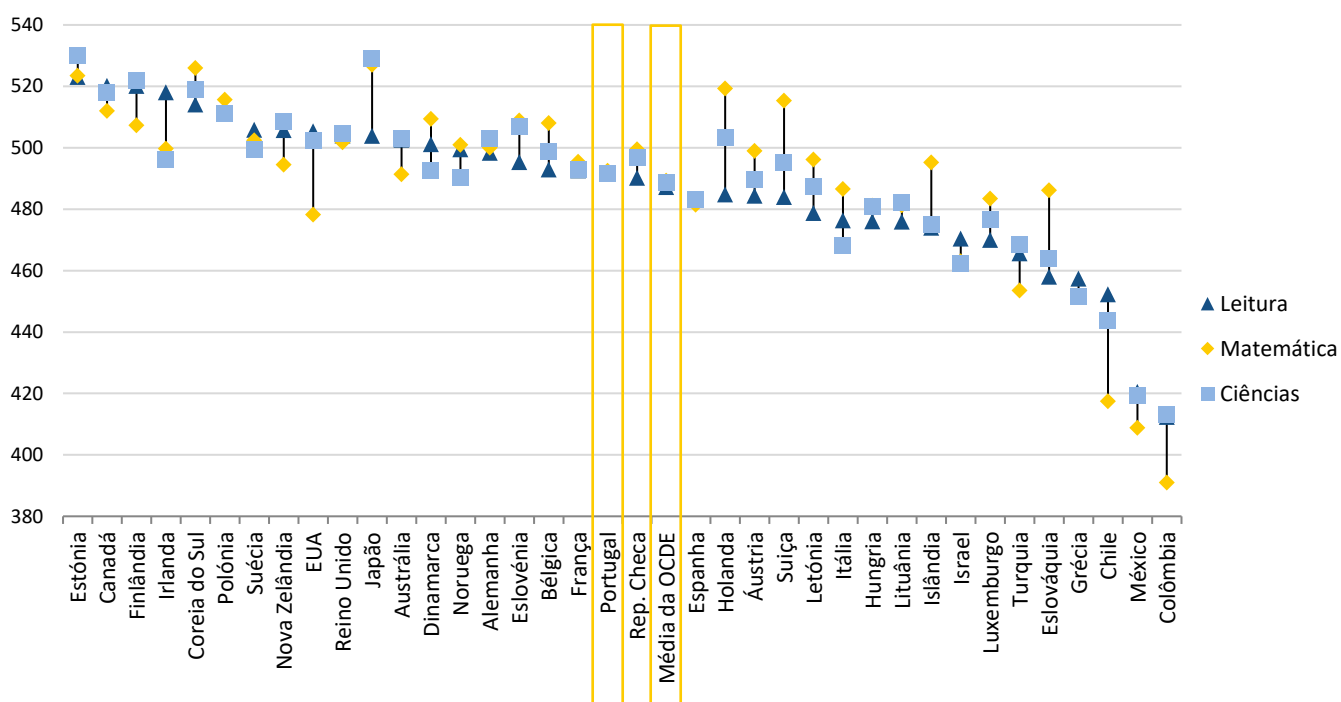
Fonte: *Programme for International Student Assessment (PISA)* (tratamento gráfico da autora).

Boletim Estatístico OM

OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES

No PISA 2018, a pontuação média atingida pelos estudantes de Portugal foi de 492 pontos nos três domínios de literacia. Este resultado fica, em todos os domínios, ligeiramente acima da média dos países da OCDE: em leitura o desempenho médio dos estudantes portugueses ultrapassa a média da OCDE em 5 pontos; em matemática e ciências esta diferença é de 3 pontos. Relativamente à edição de 2015, Portugal mantém o mesmo resultado médio na escala de literacia matemática, verificando-se uma descida das pontuações médias nas escalas de leitura (de 498 pontos em 2015) e de ciências (de 501 pontos em 2015). A descida nas pontuações médias a ciências é estatisticamente significativa e acompanha uma tendência geral comum à maioria dos países participantes no PISA. Apesar de não terem sido mantidos os níveis médios obtidos nos domínios de leitura e ciências em 2015, ano em que os estudantes portugueses obtiveram o desempenho médio mais elevado de sempre nestes domínios, constata-se que a trajetória evolutiva dos resultados portugueses ao longo das várias edições do PISA é de melhoria positiva nos três domínios, sendo Portugal um dos poucos países em que isso acontece (IAVE, 2019).

Pontuações médias no PISA 2018 em leitura, matemática e ciências, para os países da OCDE



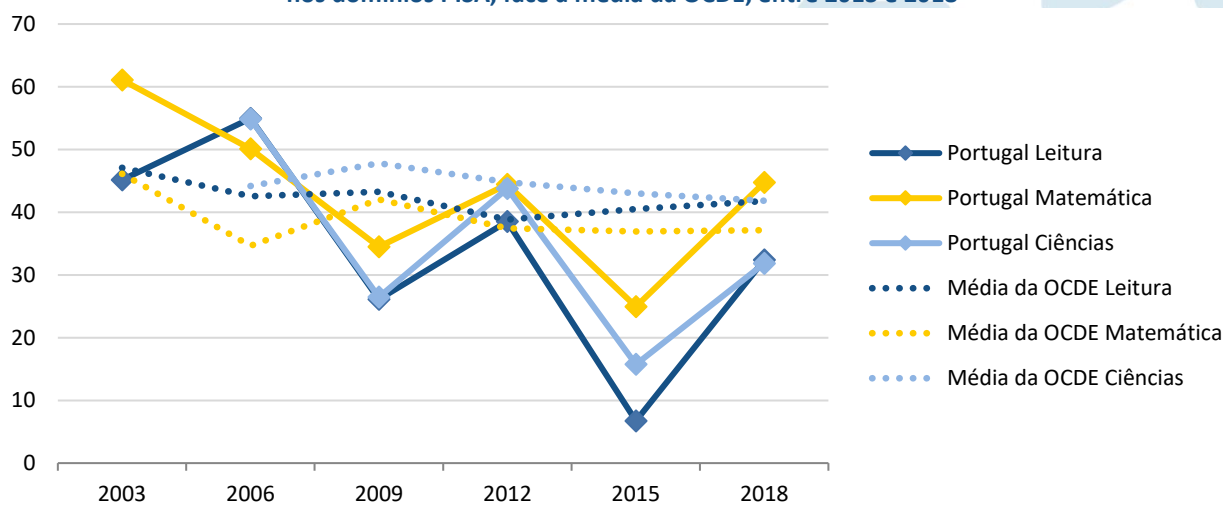
Fonte: Programme for International Student Assessment (PISA) (tratamento gráfico da autora).

No conjunto dos países da OCDE, em 2018 verifica-se que os três países em que os estudantes conseguem melhor desempenho são a Estónia, o Canadá e a Finlândia, no caso da leitura; o Japão, a Coreia do Sul e a Estónia, em matemática; e a Estónia, o Japão e a Finlândia, no domínio de ciências. No grupo dos países com desempenhos mais fracos surgem, em todos os domínios, a Colômbia, o México e o Chile.

2. Desempenho escolar dos estudantes imigrantes e não imigrantes

Reconhecendo a importância crescente que os estudantes de origem imigrante têm vindo a assumir nos sistemas educativos dos países da OCDE e o papel fundamental que estes sistemas assumem na sua integração social, o PISA analisa, desde 2003, o efeito da origem migratória dos estudantes no seu desempenho escolar em termos de literacia. Constata-se, ao longo das várias edições do PISA e na maioria dos países que integram esta inquirição, a **tendência dos estudantes imigrantes apresentarem mais dificuldades em obter resultados ao mesmo nível dos estudantes nativos**. No PISA 2018, os estudantes não imigrantes em Portugal atingiram um desempenho superior ao dos estudantes de origem imigrante em 45 pontos em matemática e 32 pontos em leitura e ciências, sendo a diferença entre os dois grupos estatisticamente significativa para todos os domínios. Enquanto na edição de 2015 se tinha verificado uma redução acentuada da diferença de desempenho entre os dois grupos de estudantes, em 2018 esta distância alargou-se para os três domínios, sendo este aumento estatisticamente significativo para o domínio da leitura. Em leitura e ciências, a distância entre estudantes imigrantes e não imigrantes mantém-se em 2018 abaixo da média nos países da OCDE, sendo inferior à média da OCDE em 10 pontos em ciências e em 9 pontos em leitura. No domínio de matemática, contudo, a distância entre estudantes imigrantes e não imigrantes ultrapassa a distância média da OCDE em 8 pontos. De facto, dos três domínios analisados no PISA, a matemática é aquele em que os estudantes imigrantes em Portugal têm apresentado maiores dificuldades, quando comparados com os seus colegas não imigrantes (em 2018 a distância foi de 45 pontos), tendência que se diferencia da média da OCDE, em que a matemática é o domínio com menor distância de desempenho entre os dois grupos.

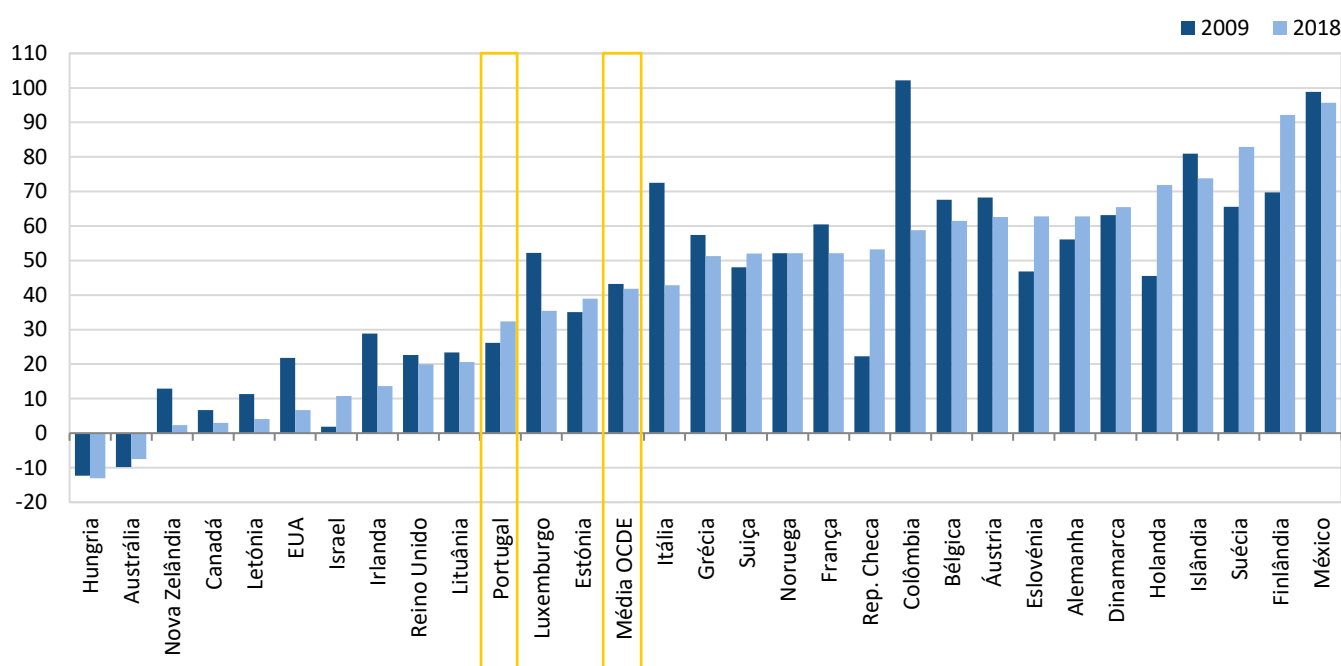
Distância (em pontos) entre as pontuações médias obtidas pelos estudantes imigrantes e não imigrantes em Portugal nos domínios PISA, face à média da OCDE, entre 2013 e 2018



Fonte: Programme for International Student Assessment (PISA) (tratamento gráfico da autora). // Nota: Valores de distância mais elevados indicam um melhor desempenho dos estudantes não imigrantes, por comparação com os estudantes imigrantes.

2.1. Leitura

Evolução, entre 2009 e 2018, da distância entre estudantes imigrantes e não imigrantes no desempenho a leitura, nos países da OCDE

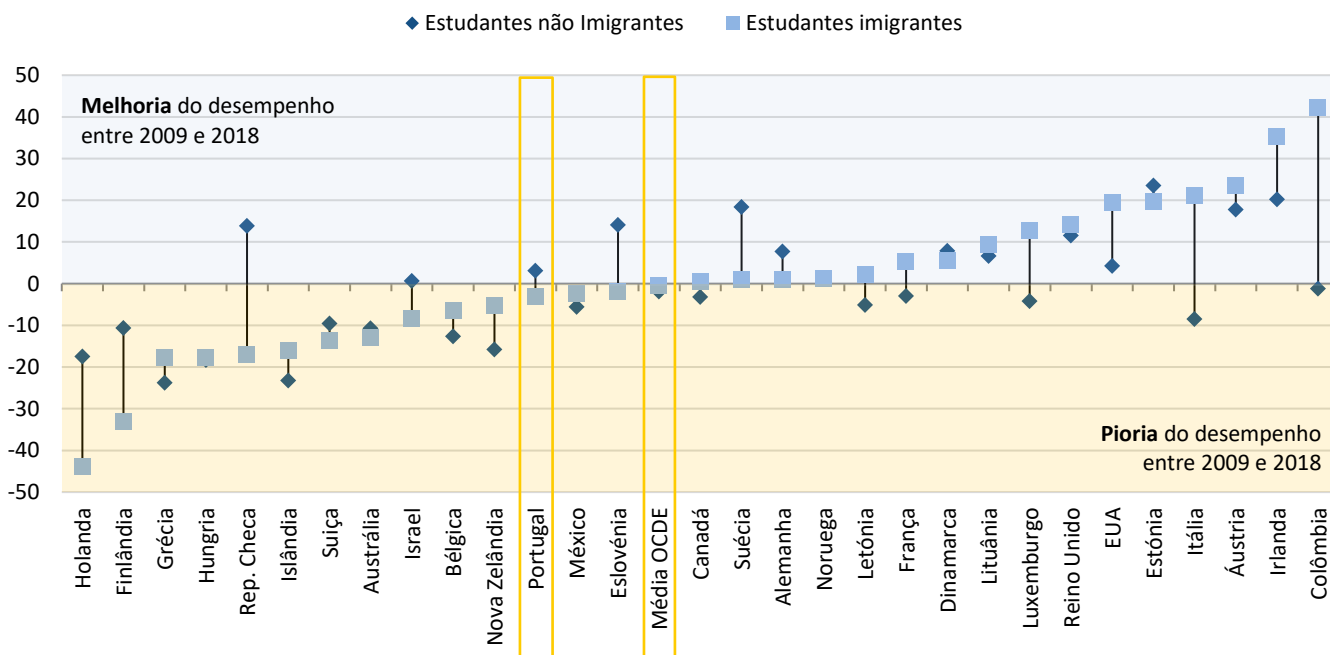


Fonte: *Programme for International Student Assessment (PISA)* (tratamento gráfico da autora). // Nota: Valores de distância mais elevados indicam um melhor desempenho dos estudantes não imigrantes, por comparação com os estudantes imigrantes. Representados apenas os países com dados disponíveis nos dois anos.

Comparando o desempenho dos estudantes imigrantes e não imigrantes dos vários países da OCDE no domínio da leitura, e analisando a evolução da distância entre os dois grupos entre 2009 e 2018 (anos em que este foi o domínio principal avaliado pelo PISA), verificamos que, dos 31 países da OCDE com dados disponíveis para este período, Portugal ocupa nos dois anos a 11.ª posição dos países com menor distância entre alunos imigrantes e não imigrantes. Neste grupo de países, e nos dois anos, a Austrália e a Hungria destacam-se por os seus alunos de origem imigrante conseguirem uma pontuação média acima dos estudantes nativos, resultado que se torna menos significativo na Hungria, que reflete apenas 2,6% de estudantes imigrantes, do que na Austrália, que integra 27,7% de estudantes imigrantes. É ainda de destacar a evolução da Colômbia e da Itália, os dois países em que a distância entre os dois grupos de estudantes mais se atenuou na última década (embora a Colômbia, por comparação a Itália, seja um país de baixa imigração, com apenas 0,6% de estudantes imigrantes). Em Portugal, regista-se no período de 2009 a 2018 um aumento de 6 pontos na distância entre os dois grupos de estudantes no desempenho a leitura, mantendo-se no entanto esta distância 10 pontos abaixo da média da OCDE. Se em 2009 a distância observada em Portugal era significativamente mais baixa que a distância média da OCDE, em 2018 essa diferença perde significado estatístico.

O aumento em Portugal da distância entre estudantes nativos e imigrantes no desempenho a leitura resulta de uma melhoria de 3 pontos no desempenho dos primeiros, acompanhada por uma descida também de 3 pontos na pontuação média dos segundos. Apesar da ligeira descida no desempenho médio dos alunos imigrantes em Portugal, a literacia destes alunos em leitura mantém-se, em 2018, 11 pontos acima da média dos estudantes imigrantes da OCDE (463 pontos em Portugal e 452 pontos na OCDE).

Evolução, entre 2009 e 2018, do desempenho dos estudantes não imigrantes e imigrantes a leitura, nos países da OCDE

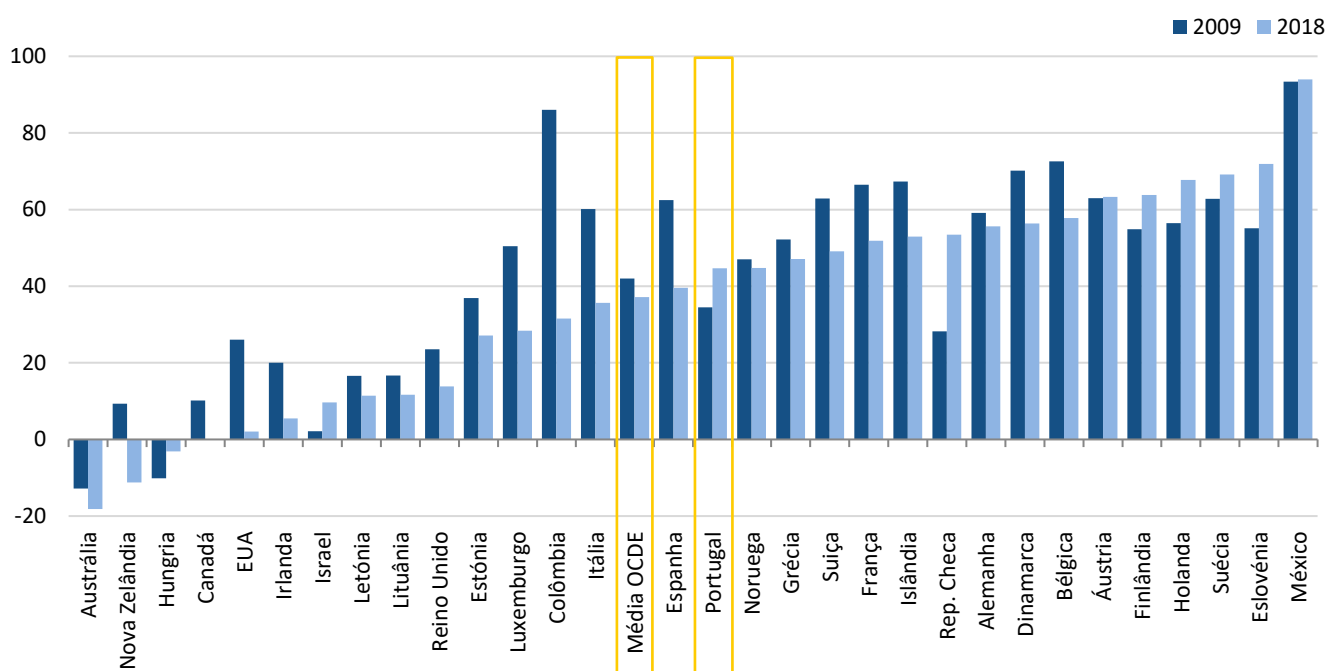


Fonte: Programme for International Student Assessment (PISA) (tratamento gráfico da autora). // Nota: Representados apenas os países com dados disponíveis nos dois anos.

2.2. Matemática

No domínio da **matemática**, a distância entre estudantes imigrantes e não imigrantes aumentou em Portugal, entre as avaliações de 2009 e 2018, passando de 34 para 45 pontos. Enquanto em 2009 esta distância ficava abaixo da distância média da OCDE em 8 pontos, em 2018 Portugal obtém uma distância média entre os dois grupos de estudantes 8 pontos acima da média da OCDE. Apesar de estas diferenças não se revelarem estatisticamente significativas, Portugal surge no grupo de apenas sete países em que esta distância aumentou no sentido desfavorável aos estudantes imigrantes, no universo dos 31 países da OCDE com dados disponíveis para estes dois anos. Neste grupo de países, Portugal ocupava em 2009 a 12.^a menor distância entre o desempenho a matemática dos estudantes imigrantes e não imigrantes, passando em 2018 a apresentar a 16.^a menor distância.

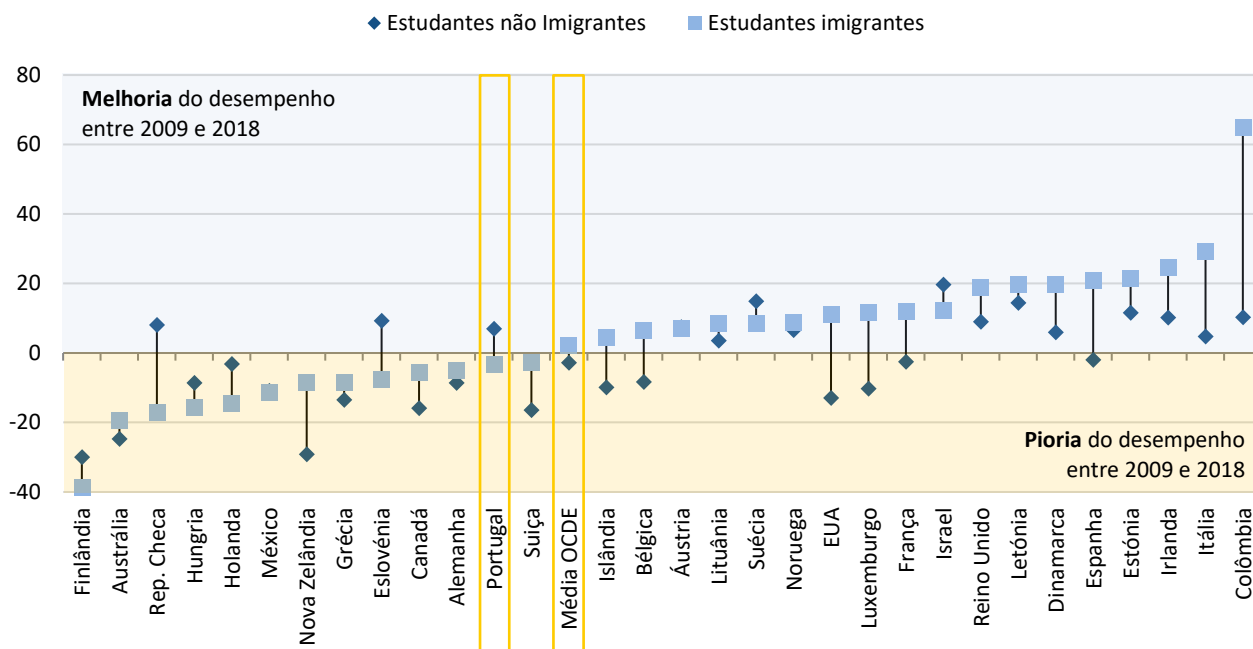
Evolução, entre 2009 e 2018, da distância entre estudantes imigrantes e não imigrantes no desempenho a **matemática**, nos países da OCDE



Fonte: Programme for International Student Assessment (PISA) (tratamento gráfico da autora). // Nota: Valores de distância mais elevados indicam um melhor desempenho dos estudantes não imigrantes, por comparação com os estudantes imigrantes. Representados apenas os países com dados disponíveis nos dois anos.

O aumento da distância no desempenho a matemática dos jovens nativos e imigrantes resulta de uma melhoria de 7 pontos no desempenho dos alunos não imigrantes, acompanhado de uma descida de 3 pontos no desempenho dos estudantes de origem imigrante, que obtêm em 2018 um desempenho médio de 452 pontos, 5 pontos abaixo da média dos estudantes imigrantes da OCDE (457 pontos). Embora estas alterações ao longo do tempo não se revelem estatisticamente significativas, sinalizam uma dificuldade consistente dos jovens imigrantes em Portugal atingirem níveis de literacia a matemática ao nível dos seus colegas nativos, dificuldade que se tem mantido ao longo da última década, em contraste com a melhoria significativa de distância verificada para a média da OCDE. Destacam-se neste domínio a Austrália, a Nova Zelândia e a Hungria, onde os jovens imigrantes conseguem desempenhos ligeiramente acima dos colegas nativos, assim como a Colômbia e a Itália, que conseguem as maiores reduções na distância entre alunos imigrantes e nativos, associadas às melhorias mais acentuadas no desempenho a matemática dos seus estudantes imigrantes.

Evolução, entre 2009 e 2018, do desempenho dos estudantes não imigrantes e imigrantes a matemática, nos países da OCDE

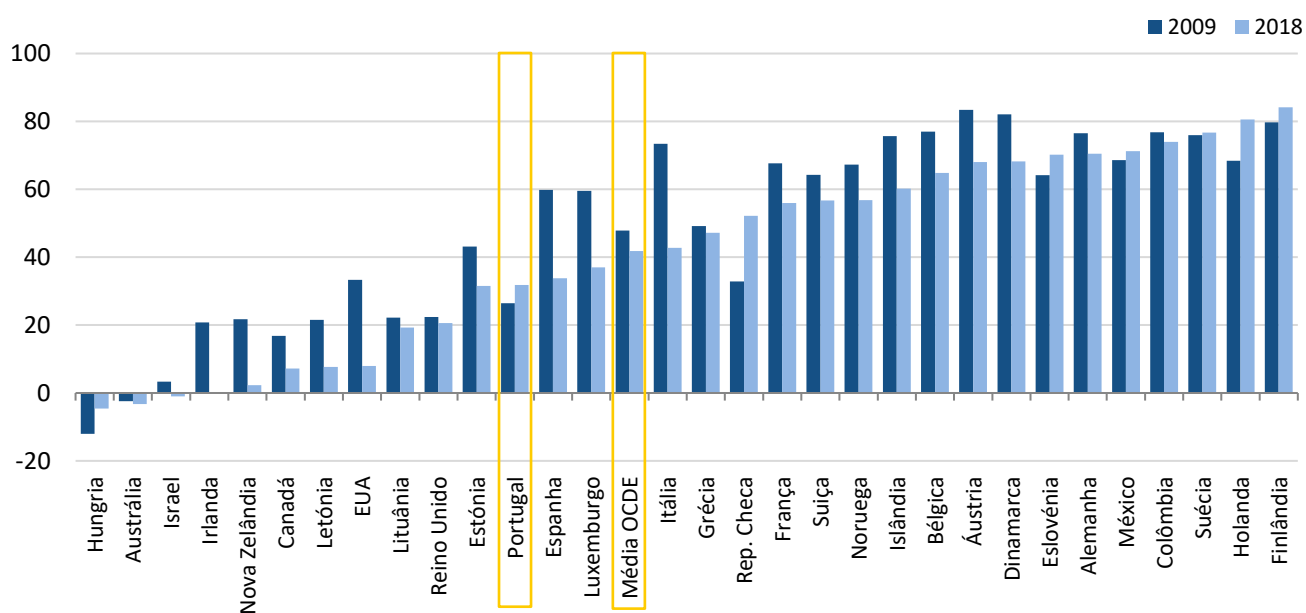


Fonte: Programme for International Student Assessment (PISA) (tratamento gráfico da autora). // Nota: Representados apenas os países com dados disponíveis nos dois anos.

2.3. Ciências

Ao nível da literacia a **ciências**, entre 2009 e 2018 a distância entre os jovens imigrantes e não imigrantes de Portugal acentuou-se, passando de 26 para 32 pontos. Este aumento não é estatisticamente significativo, mas contrasta com a tendência média da OCDE, onde se verifica neste período uma diminuição estatisticamente significativa da distância entre as pontuações de estudantes imigrantes e não imigrantes. Dos 31 países com dados disponíveis, Portugal é um dos sete em que a distância entre os dois grupos aumenta no sentido desfavorável aos estudantes imigrantes. Apesar destas tendências divergentes, em 2018 em Portugal a distância entre jovens imigrantes e nativos mantém-se 10 pontos abaixo da distância média da OCDE, sendo a distância portuguesa a 12.^a menor no conjunto de países em análise. Contudo, se em 2009 e 2015 a distância portuguesa era significativamente mais baixa que a distância média da OCDE, em 2018 esta diferença já não é significativa em termos estatísticos. No conjunto dos países da OCDE, destaca-se a evolução da distância na literacia a ciências da Itália, do Luxemburgo e dos Estados Unidos, que conseguem entre 2009 e 2018 a maior redução da distância entre os seus alunos imigrantes e não imigrantes, sendo também os Estados Unidos o país em que o desempenho dos jovens imigrantes evolui mais favoravelmente, seguido pela Espanha. A Hungria, a Austrália e Israel destacam-se também por os seus estudantes imigrantes obterem resultados ligeiramente superiores aos restantes colegas.

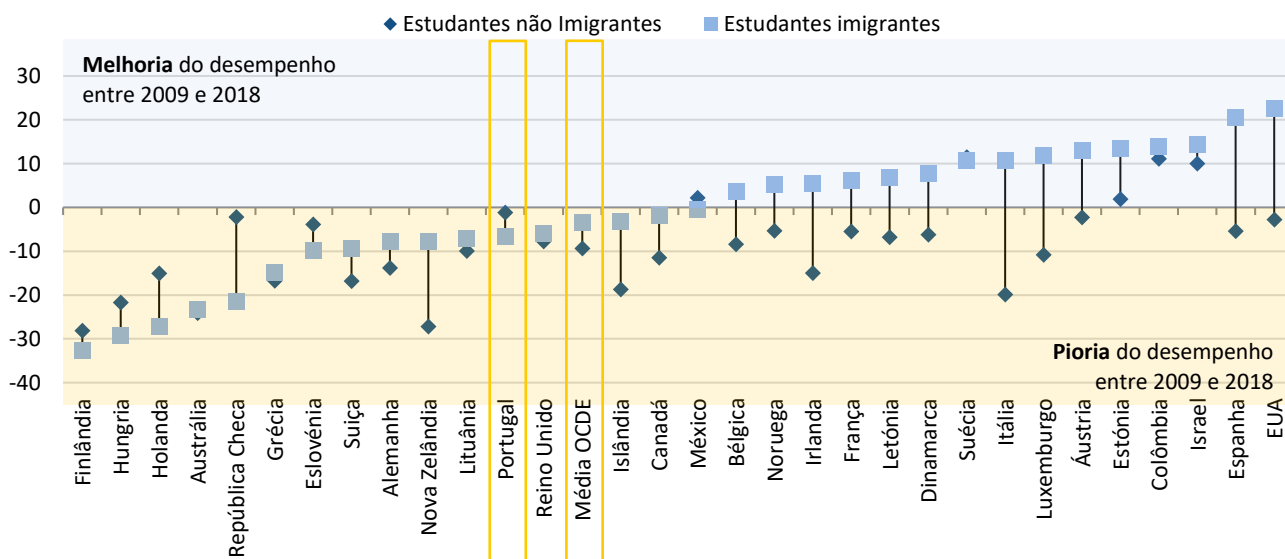
Evolução, entre 2009 e 2018, da distância entre estudantes imigrantes e não imigrantes no desempenho a **ciências**, nos países da OCDE



Fonte: *Programme for International Student Assessment (PISA)* (tratamento gráfico da autora). // Nota: Valores de distância mais elevados indicam um melhor desempenho dos estudantes não imigrantes, por comparação com os estudantes imigrantes. Representados apenas os países com dados disponíveis nos dois anos.

Entre 2009 e 2018 o desempenho médio a ciências dos estudantes em Portugal diminuiu tanto para os imigrantes como para os nativos, sendo esta descida mais acentuada para os alunos imigrantes (redução de 7 pontos) do que para os seus colegas não imigrantes (redução de 1 ponto). Apesar de na OCDE a descida média no desempenho dos estudantes imigrantes ser menos acentuada (redução de 3 pontos), a literacia científica dos jovens imigrantes portugueses permanece, em 2018, 10 pontos acima da média dos estudantes imigrantes da OCDE (463 pontos em Portugal, por comparação com 453 pontos na média da OCDE).

Evolução, entre 2009 e 2018, do desempenho dos estudantes não imigrantes e imigrantes a ciências, nos países da OCDE



Fonte: Programme for International Student Assessment (PISA) (tratamento gráfico da autora). // Nota: Representados apenas os países com dados disponíveis nos dois anos.

Em síntese, verifica-se ao longo da última década uma **tendência estável na dificuldade dos jovens imigrantes em Portugal conseguirem desempenhos de literacia ao nível dos estudantes não imigrantes**. Entre 2009 e 2018, nos três domínios PISA, o desempenho dos estudantes imigrantes em Portugal sofre uma pequena descida e a distância entre o desempenho destes estudantes e o dos seus colegas não imigrantes aumenta ligeiramente, alterações que não se mostram contudo estatisticamente significativas. A exceção a esta estabilidade foi a edição PISA de 2015, em que se verificou uma redução acentuada na distância de desempenho entre os dois grupos, que não se manteve na edição de 2018. **A distância de desempenho verificada para os estudantes em Portugal está globalmente ao nível da distância observada na média dos países da OCDE, ficando um pouco abaixo da média da OCDE em leitura e em ciências e um pouco acima em matemática**. Em contraste com a estabilidade verificada em Portugal, verifica-se que na média dos países da OCDE a distância entre os dois grupos de estudantes sofreu uma redução significativa em ciências e em matemática. Em Portugal, a matemática parece ser o domínio em que os estudantes imigrantes apresentam mais dificuldades em termos de literacia, quando comparados com os estudantes nativos.

3. Determinantes do desempenho dos estudantes imigrantes

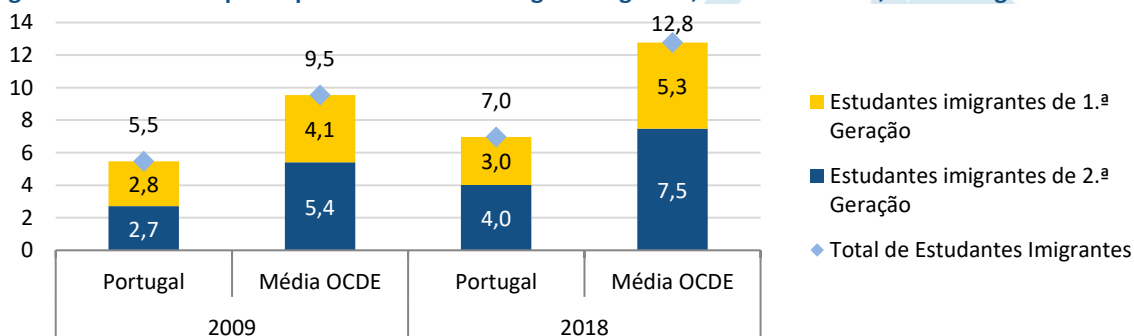
Considerando que, por um lado, os países participantes do PISA têm perfis de imigração muito diferentes e apresentam políticas de imigração e estruturas de acolhimento também muito diversas, e ainda que, por outro lado, os imigrantes em cada país constituem um grupo bastante heterogéneo, as avaliações PISA procuram analisar de que forma é que o desempenho dos estudantes imigrantes varia em função de diversos fatores, tentando assim compreender que determinantes, associados às características dos jovens imigrantes e dos sistemas educativos de acolhimento, dificultam ou facilitam o sucesso destes estudantes (PISA, 2019b). Entre os determinantes explicativos do desempenho escolar, associados às características dos próprios estudantes imigrantes, destacam-se o tempo de residência no país de acolhimento, o domínio da língua do país de acolhimento, o estatuto socioeconómico e a resiliência académica. Por sua vez, nos determinantes do desempenho escolar ao nível do impacto dos sistemas educativos de acolhimento, considera-se o nível de segregação dos estudantes nos sistemas educativos.

3.1. Tempo de residência no país de acolhimento

O PISA considera como estudantes imigrantes os jovens cujos pais (tanto a mãe como o pai) nasceram num país diferente daquele em que o jovem estuda atualmente, fazendo depois uma distinção adicional entre os estudantes imigrantes de primeira geração – aqueles que, tal como os seus pais, nasceram no estrangeiro – e imigrantes de segunda geração – os que, sendo filhos de pais nascidos no estrangeiro, já nasceram no país de acolhimento (PISA, 2019b: 179).

Na última década, verifica-se em Portugal um aumento significativo do número de estudantes de origem imigrante avaliados no PISA (de 5,5% em 2009 para 7,0% em 2018), que acompanha o aumento médio verificado nos países da OCDE (de 9,5% em 2009 para 12,8% em 2018). Em Portugal este aumento resulta sobretudo de um aumento no número de estudantes imigrantes de 2.ª geração, que atingem em 2018 os 4,0%, quando em 2009 representavam apenas 2,7% dos estudantes; a percentagem de jovens imigrantes de 1.ª geração não se altera significativamente (2,8% em 2009 e 3,0% em 2018).

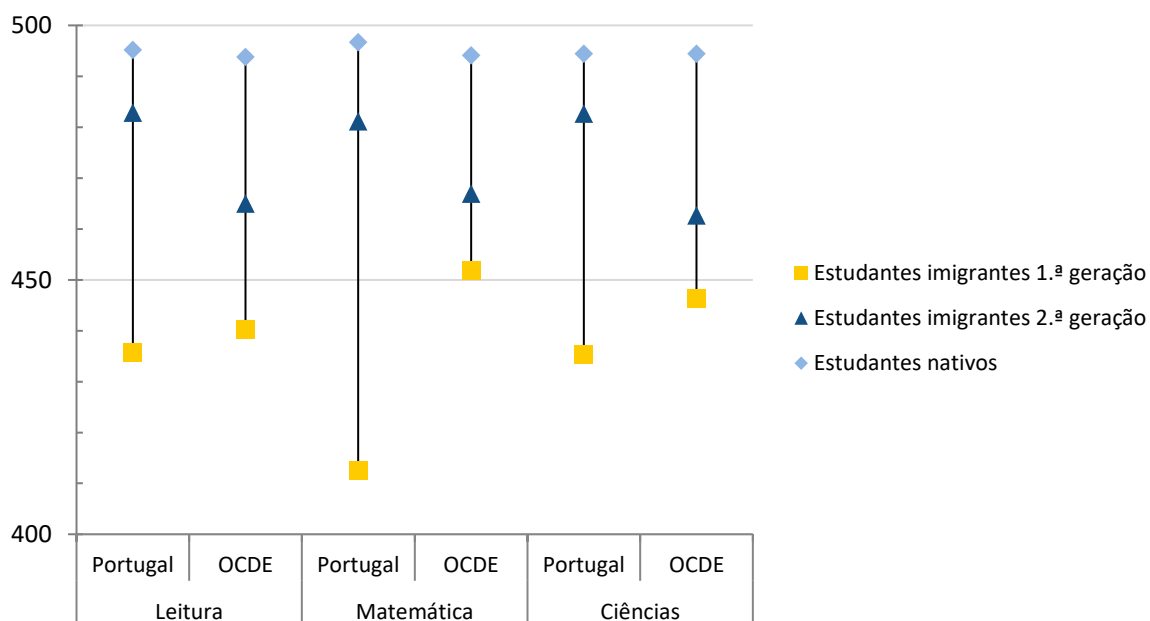
Percentagem de estudantes participantes no PISA de origem imigrante, em 2009 e 2018, em Portugal e na média da OCDE



Fonte: Programme for International Student Assessment (PISA) (tratamento gráfico da autora).

Tanto em Portugal como na média dos países da OCDE, constata-se que **os jovens imigrantes de 1.ª geração tendem a alcançar, nos vários domínios do PISA, resultados significativamente inferiores aos dos imigrantes de 2.ª geração**, o que naturalmente reflete as maiores exigências de adaptação que os estudantes nascidos no estrangeiro enfrentam, quando comparados com os estudantes que, apesar de terem pais estrangeiros, já nasceram e cresceram em Portugal, integrando há mais anos o sistema escolar do país. Para os estudantes imigrantes de 2.ª geração em Portugal, verifica-se em 2018, nos 3 domínios, que o seu desempenho permanece ligeiramente inferior ao dos seus colegas nativos, mas esta diferença perde significado estatístico. A distância entre o desempenho dos jovens imigrantes de 1.ª e 2.ª geração é especialmente notória **em matemática**, domínio em que **os jovens imigrantes de 1.ª geração atingiram um desempenho médio inferior em 69 pontos ao dos imigrantes de 2.ª geração**, indicando que a maior dificuldade verificada para os estudantes imigrantes neste domínio parece fazer-se sentir sobretudo para os imigrantes de 1.ª geração. Na média da OCDE, a distância entre as duas gerações de estudantes imigrantes não é tão expressiva, havendo menor proximidade nos desempenhos dos estudantes imigrantes de 2.ª geração e nativos. Assim, **Portugal consegue que o desempenho dos seus estudantes de 2.ª geração se aproxime do desempenho dos estudantes nativos, permanecendo a integração escolar dos imigrantes de 1.ª geração o principal desafio, sobretudo no domínio de matemática**, em que o desempenho dos imigrantes de 1.ª geração se situa 39 pontos abaixo do desempenho destes estudantes na média da OCDE.

Desempenho dos estudantes nativos, imigrantes de 1.ª geração e imigrantes de 2.ª geração nos domínios PISA 2018, em Portugal e na média da OCDE

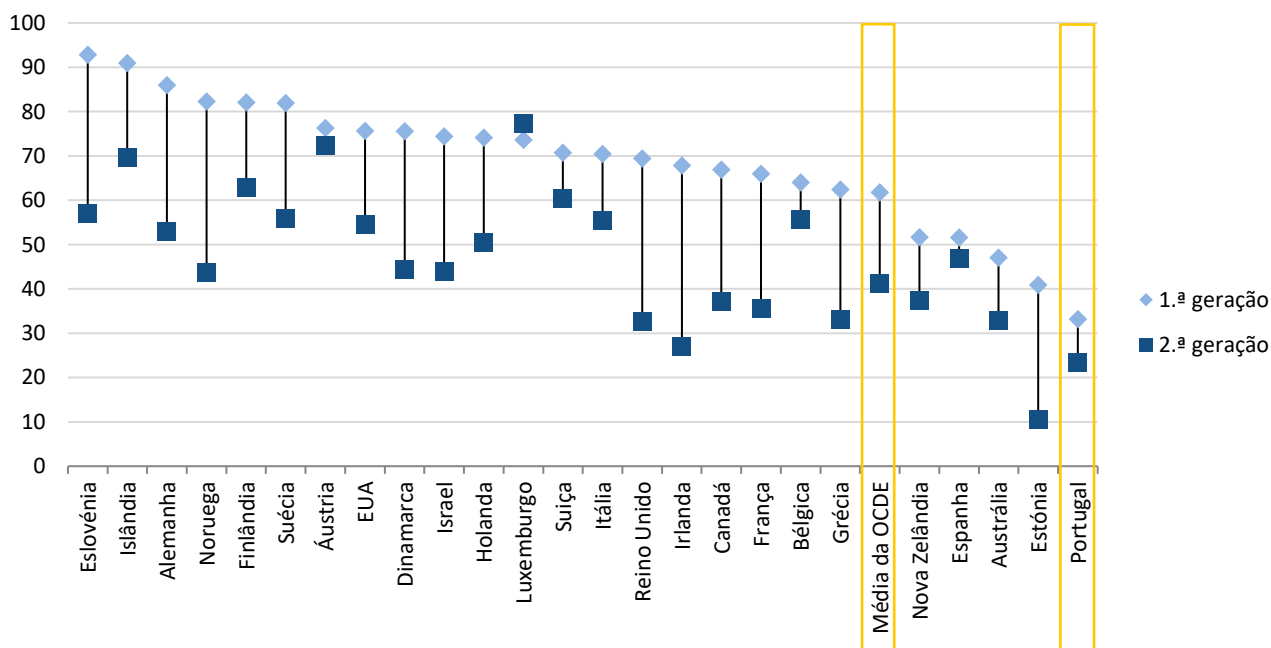


Fonte: Programme for International Student Assessment ([PISA](#)) (tratamento gráfico da autora).

3.2. Domínio da língua de acolhimento

O baixo domínio da língua de instrução constitui um dos principais obstáculos à integração escolar e aquisição de conhecimentos e competências enfrentados pelos estudantes imigrantes, em particular os de 1.ª geração. No conjunto dos estudantes imigrantes participantes no PISA 2018, verifica-se em grande parte dos países que a maioria dos jovens imigrantes de 1.ª geração não fala em casa a língua do país de acolhimento. **Portugal destaca-se a este nível, sendo o país com menor percentagem de imigrantes de 1.ª geração que não falam a língua de instrução em casa (33,2%), e o segundo país com menor percentagem de imigrantes de 2.ª geração nas mesmas circunstâncias (23,5%).** Estes dados são o reflexo da sobre representação de imigrantes oriundos de países de língua portuguesa em Portugal – em 2019, 41,3% dos estrangeiros residentes em Portugal eram nacionais de países de língua oficial portuguesa ([Oliveira, 2020](#)).

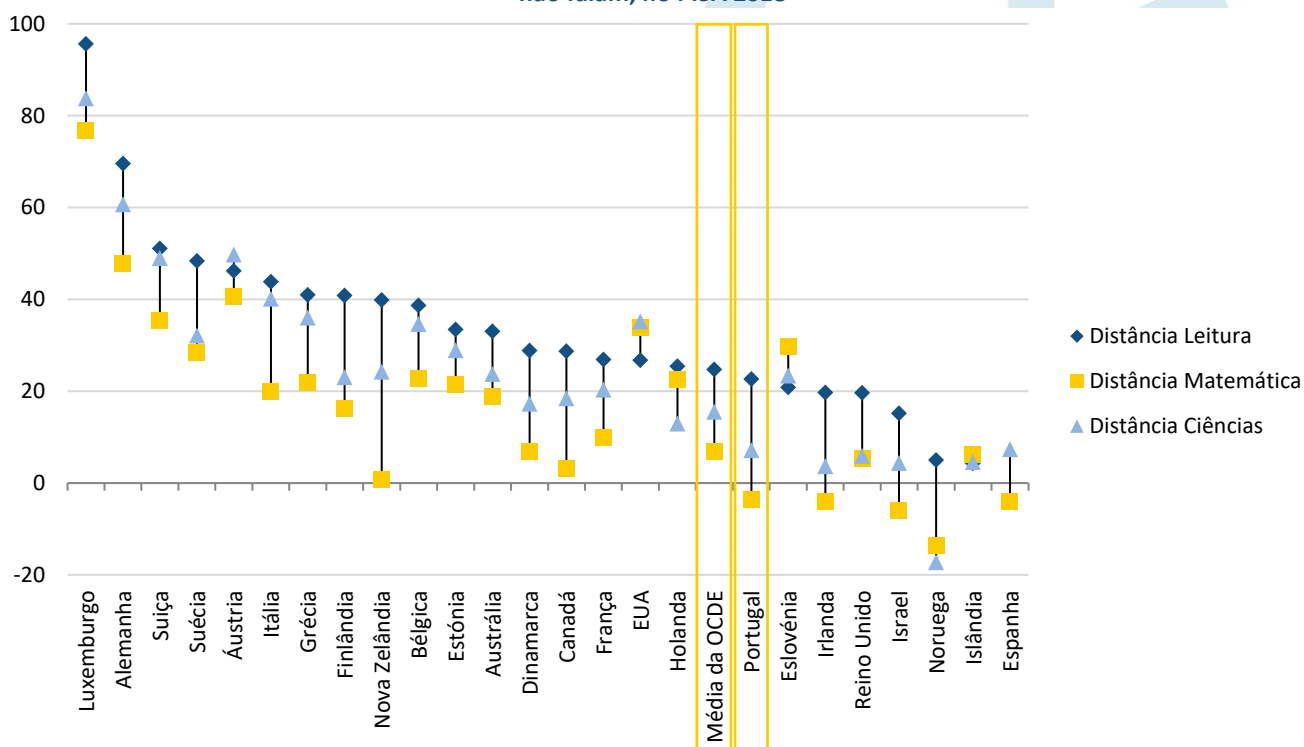
Percentagem de estudantes imigrantes, de 1.ª e 2.ª geração, que não falam a língua de instrução em casa, nos países da OCDE, em 2018



Fonte: Programme for International Student Assessment (PISA), 2019 (tratamento gráfico da autora).

Na generalidade dos países da OCDE, os estudantes imigrantes que falam em casa a língua do país de acolhimento obtiveram no PISA 2018 pontuações médias significativamente mais elevadas do que os seus colegas imigrantes que falam outra língua em casa. Esta tendência verifica-se para os três domínios PISA, sendo na maior parte dos países mais destacada no domínio da leitura, em que naturalmente um menor contacto quotidiano com a língua de instrução causa maiores dificuldades.

Distância entre as pontuações médias dos estudantes imigrantes que falam a língua de instrução em casa e dos que não falam, no PISA 2018



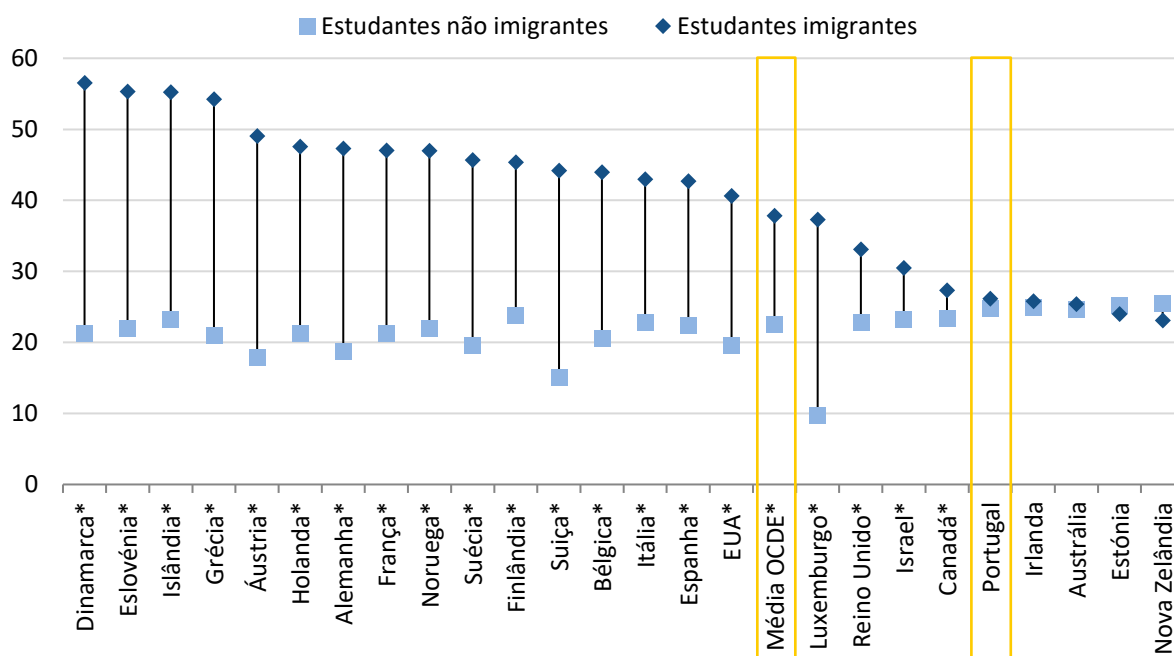
Fonte: *Programme for International Student Assessment (PISA)* (tratamento gráfico da autora). // Nota: Valores de distância mais elevados indicam um melhor desempenho dos estudantes que falam a língua de instrução em casa, por comparação com os que não falam. Só são apresentados os países da OCDE para os quais existem dados disponíveis e em que a percentagem de estudantes imigrantes é superior a 5%.

Em Portugal, os estudantes imigrantes que falam português com as suas famílias obtiveram um desempenho médio em leitura de 469 pontos, superior em 23 pontos aos imigrantes que não falam português (446 pontos); em ciências, esta distância foi de 7 pontos (média de 465 pontos para os estudantes que falam português em casa e de 457 para os que não falam); em matemática, não se verificou o mesmo padrão, conseguindo os estudantes imigrantes que não falam português em casa um resultado médio de 455 pontos, superior em 4 pontos aos imigrantes que falam português em casa (451 pontos). Mesmo tendo uma menor proporção de estudantes imigrantes que não falam a língua de instrução em casa, **os alunos em Portugal que não falam português em casa têm também maiores dificuldades em conseguir ter resultados ao nível dos restantes colegas imigrantes em leitura**. Apesar de em Portugal a diferença de pontuações entre os dois grupos de estudantes não ser estatisticamente significativa em nenhum dos domínios, em leitura a distância portuguesa acompanha o valor médio da OCDE (25 pontos). Nos domínios de ciências e, em particular, de matemática, a distância entre os dois grupos em Portugal não é relevante, indicando que as maiores dificuldades dos estudantes imigrantes nesses domínios não são muito influenciadas pelo contacto com o português em casa.

3.3. Estatuto socioeconómico

Em muitos países, verifica-se que os estudantes imigrantes têm maior probabilidade de se encontrarem em situação de desvantagem socioeconómica, quando comparados com os seus colegas nativos, enfrentando assim um duplo desafio de integração. No PISA 2018, a percentagem de estudantes classificados no último quartil do índice de estatuto económico, cultural e social foi, na grande maioria dos países, significativamente mais elevada no grupo de estudantes imigrantes do que nos estudantes não imigrantes. Isto significa assim que os estudantes imigrantes tendem a estar sobre representados no grupo de estudantes que em cada país têm mais desvantagens socioeconómicas, sendo esta diferença particularmente marcada em países como a Dinamarca, a Eslovénia, a Islândia ou a Grécia, em que mais de 50% dos estudantes em desvantagem socioeconómica são de origem migrante. **Portugal destaca-se neste indicador, sendo um dos poucos países em que os estudantes imigrantes e não imigrantes têm uma probabilidade semelhante de se encontrarem em desvantagem socioeconómica:** no PISA 2018, 26,2% dos alunos imigrantes em Portugal estavam em desvantagem socioeconómica, por comparação com 24,8% dos estudantes não imigrantes.

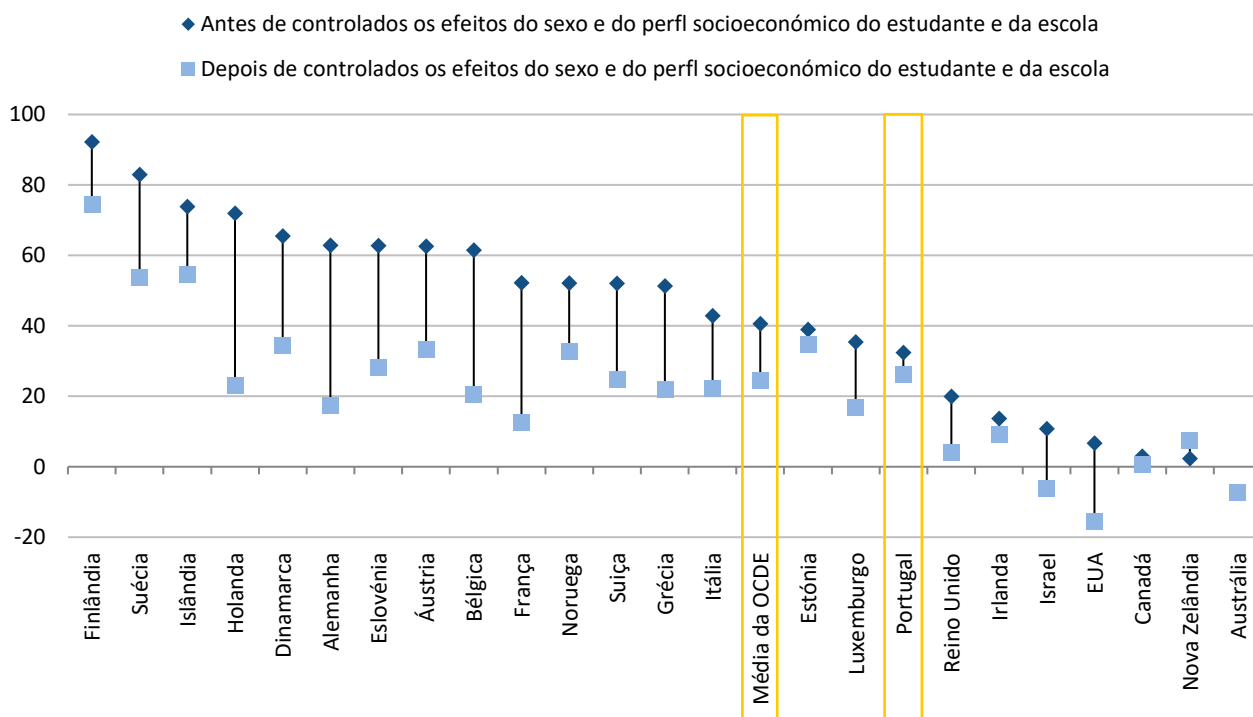
Percentagem de estudantes imigrantes e não imigrantes em desvantagem socioeconómica, nos países da OCDE, em 2018



Fonte: *Programme for International Student Assessment (PISA)*, 2019 (tratamento gráfico da autora). // Nota: *A diferença entre a percentagem de estudantes imigrantes e não imigrantes em desvantagem socioeconómica é significativa. São considerados como estando em desvantagem socioeconómica os estudantes que no seu país estão no último quartil do índice PISA de estatuto económico, cultural e social. Só são apresentados os países da OCDE para os quais existem dados disponíveis e em que a percentagem de estudantes imigrantes é superior a 5%.

Com o objetivo de aferir a influência do perfil socioeconómico no desempenho dos estudantes imigrantes, a avaliação PISA 2018 controlou estatisticamente os efeitos deste fator no desempenho dos estudantes a leitura. Assim, quando controlados os efeitos do perfil socioeconómico do estudante e da escola, conjuntamente com os efeitos do sexo, verifica-se na maioria dos países uma redução da distância entre as pontuações médias dos estudantes imigrantes e não imigrantes a leitura: na média da OCDE esta distância reduziu-se de 41 para 24 pontos. Consta-se assim que **existe uma sobreposição entre o efeito da origem imigrante e do estatuto socioeconómico no desempenho dos estudantes imigrantes, que desta forma se veem muitas vezes numa situação de dupla desvantagem**. No entanto, embora a diferença de estatuto socioeconómico pareça explicar uma parte da distância de desempenho entre os estudantes imigrantes e não imigrantes, em muitos países grande parte dessa distância permanece por explicar. Em Portugal, nomeadamente, constata-se que a redução da distância de desempenho a leitura entre estudantes imigrantes e nativos não foi tão significativa quanto noutros países, reduzindo-se de 32 para 26 pontos (diminuição de 6 pontos), o que reflete a reduzida diferença de estatuto socioeconómico encontrada entre os estudantes imigrantes e não imigrantes em Portugal.

Distância no desempenho a leitura entre os estudantes imigrantes e os estudantes não imigrantes, nos países da OCDE, antes e depois de controlados os efeitos do sexo e do perfil socioeconómico do estudante e da escola, em 2018

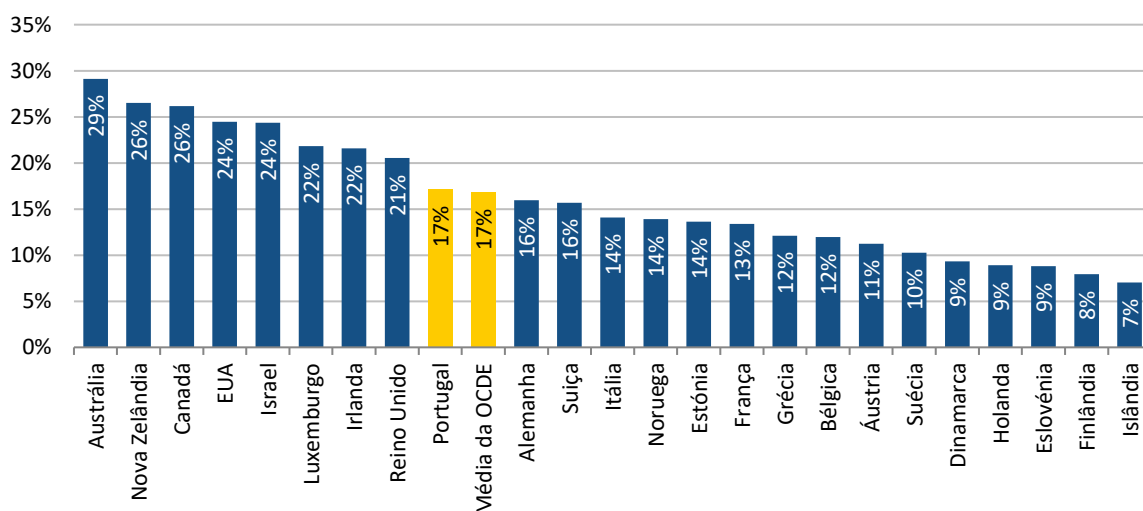


Fonte: *Programme for International Student Assessment (PISA)*, 2019 (tratamento gráfico da autora). //Nota: Valores positivos indicam um superior dos estudantes nativos face aos estudantes de origem imigrante. Só são apresentados os países da OCDE para os quais existem dados disponíveis e em que a percentagem de estudantes imigrantes é superior a 5%.

3.4. Resiliência académica

Apesar dos múltiplos desafios de adaptação encontrados pelos estudantes imigrantes, aos quais se sobrepõe por vezes uma situação de desvantagem socioeconómica, e da tendência para estes estudantes mostrarem maiores dificuldades em termos de desempenho escolar, **existe um número significativo de estudantes imigrantes que conseguem ultrapassar estes desafios e atingir bons resultados**. No PISA 2018 foram definidos como estudantes imigrantes academicamente resilientes aqueles que, sendo imigrantes de 1.ª ou 2.ª geração, conseguiram atingir o quartil superior de desempenho a leitura. Em média, nos países da OCDE a percentagem de estudantes imigrantes academicamente resilientes foi de 16,8%. Portugal registou uma percentagem um pouco superior, de 17,1%. Os países da OCDE com maior representação de alunos imigrantes resilientes em 2018 foram a Austrália, a Nova Zelândia e o Canadá.

Percentagem de estudantes imigrantes academicamente resilientes, nos países da OCDE, em 2018



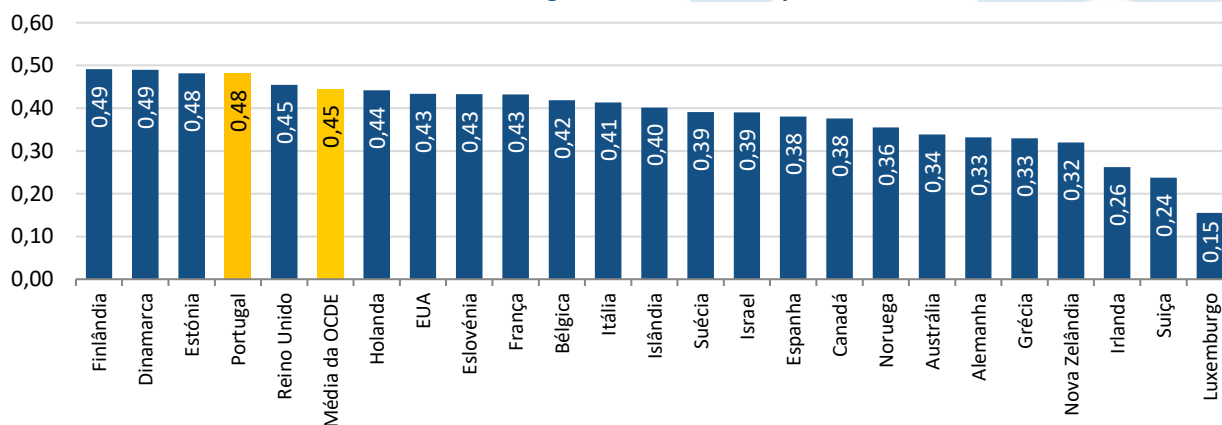
Fonte: *Programme for International Student Assessment (PISA)*, 2019 (tratamento gráfico da autora).

Analisando, no conjunto dos países da OCDE, quais os fatores dos contextos familiar, escolar e de sala de aula que se relacionam com a resiliência dos estudantes imigrantes, o PISA 2018 encontrou diversos fatores relevantes, nomeadamente percepções dos estudantes de maior apoio parental, mais entusiasmo do professor, maior autoeficácia, melhor cooperação na escola, um clima disciplinar mais positivo na sala de aula, bem como crenças mais fortes por parte dos estudantes na sua capacidade de desenvolver as suas capacidades e de alterar as suas circunstâncias, e atitudes mais positivas dos mesmos em relação ao seu percurso educativo (PISA, 2019b: 190-191). Estes resultados sugerem assim pistas sobre quais os fatores que podem ser promovidos ao longo do percurso educativo dos estudantes imigrantes, de forma a potenciar a sua capacidade de ultrapassar os desafios de integração escolar.

3.5. Segregação dos estudantes imigrantes nos sistemas educativos

O desempenho dos estudantes imigrantes é influenciado não apenas pelas características inerentes ao seu percurso e à sua situação pessoal e familiar, mas também por fatores estruturais dos sistemas educativos de acolhimento. Neste âmbito, o grau em que os estudantes imigrantes tendem a estar segregados dos estudantes não imigrantes nos sistemas escolares surge como um dos fatores explicativos relevantes. Com o objetivo de avaliar o equilíbrio da dispersão dos estudantes imigrantes no sistema escolar, o PISA 2018 produziu como indicador o índice de isolamento, que avalia a probabilidade de um estudante imigrante estar em contacto com outros imigrantes no contexto escolar. Este índice é normalizado em função da dimensão da população de estudantes imigrantes em cada país e varia entre 0 e 1, correspondendo o 0 à ausência de segregação entre estudantes imigrantes e não imigrantes e o 1 a uma completa segregação. Verifica-se **que Portugal surge no grupo dos países da OCDE em que este índice atinge valores mais elevados**, a par com a Finlândia, Dinamarca, Estónia e Reino Unido, o que indica que nestes países existe uma **maior probabilidade de os estudantes imigrantes estarem concentrados em escolas que os estudantes não imigrantes têm uma baixa probabilidade de frequentar**.

Índice de isolamento dos estudantes imigrantes a escola, nos países da OCDE, em 2018



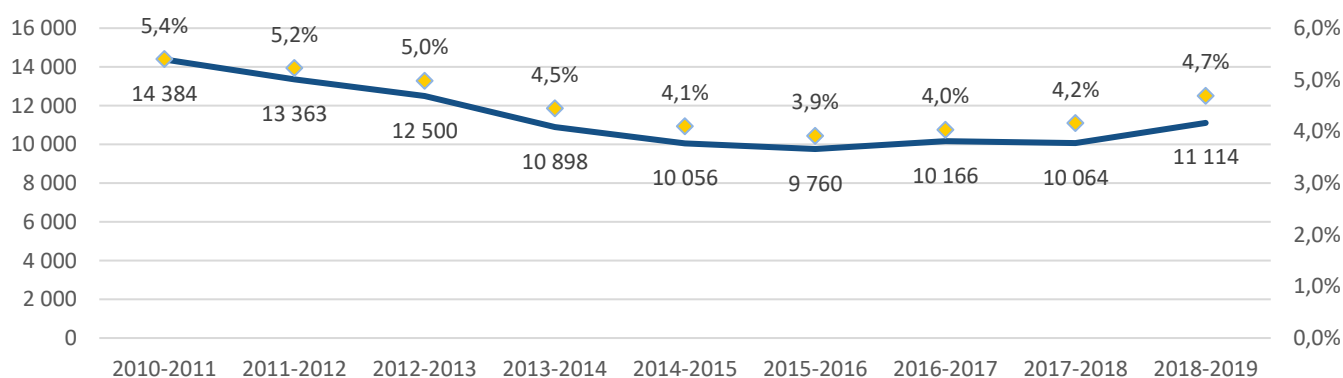
Fonte: *Programme for International Student Assessment (PISA)*, 2019 (tratamento gráfico da autora). // Nota: Só são apresentados os países da OCDE para os quais existem dados disponíveis e em que a percentagem de estudantes imigrantes é superior a 5%. Valores mais elevados indicam uma maior probabilidade de os estudantes imigrantes estarem concentrados em escolas que os estudantes não imigrantes têm uma baixa probabilidade de frequentar.

A concentração de estudantes imigrantes em determinadas escolas é problemática, tendo o potencial de exacerbar as dificuldades com que estes estudantes se confrontam naturalmente. As escolas que receberem uma grande proporção de estudantes que se estão a adaptar a uma nova língua e a diferentes expectativas académicas terão mais dificuldade em conseguir apoiar estes alunos, sobretudo se forem escolas localizadas em zonas de baixo nível socioeconómico, que habitualmente já se confrontam com muitos estudantes em situação de desvantagem ([PISA, 2019c](#)).

4. Sucesso escolar dos estudantes estrangeiros no ensino secundário português

Com o objetivo de aprofundar a caracterização do desempenho escolar dos jovens imigrantes em Portugal, detalham-se de seguida os dados administrativos existentes relativamente ao sucesso escolar dos estudantes estrangeiros inscritos no ensino secundário português. Sendo o ensino secundário a etapa final do ensino obrigatório em Portugal – e também a que implica um maior nível de complexidade e exigência das aprendizagens –, a avaliação do sucesso dos jovens imigrantes neste nível de ensino torna-se particularmente pertinente. De facto, constata-se que, no contexto do ensino obrigatório português, o ensino secundário é o nível em se verificam as taxas de transição mais baixas, quer para os estudantes portugueses quer para os estrangeiros, sendo também este o nível de ensino em que a distância entre as taxas de sucesso destes dois grupos de estudantes é maior ([Oliveira e Gomes, 2019](#)). A análise dos níveis de aproveitamento escolar no ensino secundário permite também traçar alguns paralelismos com as avaliações PISA da OCDE, em que são abrangidos jovens de 15 anos – embora estes jovens estejam inscritos em diferentes anos de ensino, verifica-se que a maioria dos estudantes portugueses abrangidos frequenta o 10.º ano (68% dos estudantes, no [PISA 2018](#)). É, no entanto, importante salvaguardar que nos dados administrativos nacionais não é registada informação sobre a origem imigrante dos estudantes, sendo apenas identificada a sua nacionalidade – utiliza-se assim o universo dos estudantes estrangeiros como aproximação ao universo dos estudantes imigrantes, sabendo-se no entanto que os dois se sobrepõem apenas parcialmente. Como se identificou antes a partir dos resultados do PISA, é nos estudantes imigrantes de 1ª geração, predominantemente com nacionalidade estrangeira, que se observam menores desempenhos escolares, quando comparados com os estudantes imigrantes de 2ª geração ou estudantes nativos. Resulta, assim, que o foco nos estudantes estrangeiros irá mostrar maiores discrepâncias nos aproveitamentos escolares, do que se identificaria no caso do universo de estudantes de origem imigrante. Ressalva-se ainda que os dados administrativos disponíveis abrangem apenas os alunos matriculados na rede pública de escolas de Portugal Continental, não contemplando assim os alunos do ensino privado nem dos arquipélagos dos Açores e da Madeira.

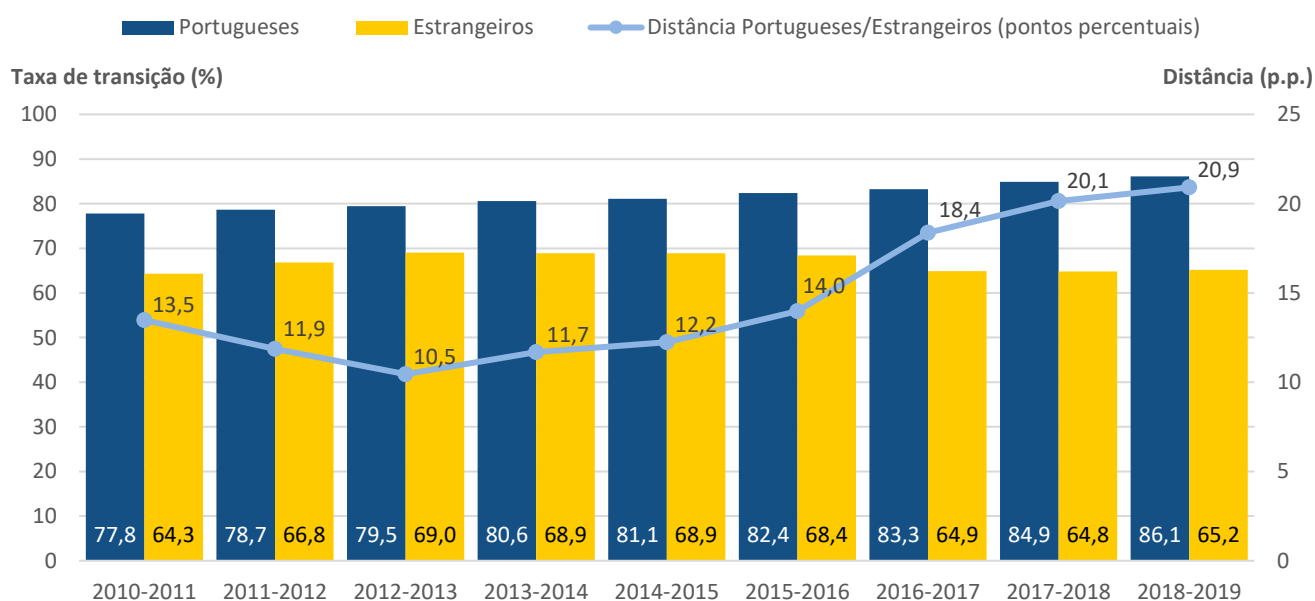
N.º de alunos estrangeiros matriculados no ensino secundário em Portugal Continental e percentagem no total de alunos matriculados no ensino secundário, entre os anos letivos de 2010/2011 e 2018/2019



Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

No ano letivo de 2018/2019 existiam 11.114 estudantes alunos estrangeiros matriculados no ensino secundário em Portugal continental, correspondendo a 4,7% do total de estudantes no ensino secundário. Tanto o número absoluto como o peso relativo dos estudantes estrangeiros no ensino secundário têm vindo a aumentar progressivamente desde o ano letivo de 2015/2016, após uma trajetória descendente que se verificava desde 2010/2011. Este padrão de evolução é semelhante ao registado para o total de estudantes dos ensinos básico e secundário e acompanha as tendências de evolução da população estrangeira residente em Portugal na última década (conforme detalhado em [Oliveira e Gomes, 2019: 106](#)).

Taxa de transição/conclusão dos alunos do ensino secundário, segundo a nacionalidade, em Portugal Continental, entre os anos letivos de 2010/2011 e 2018/2019

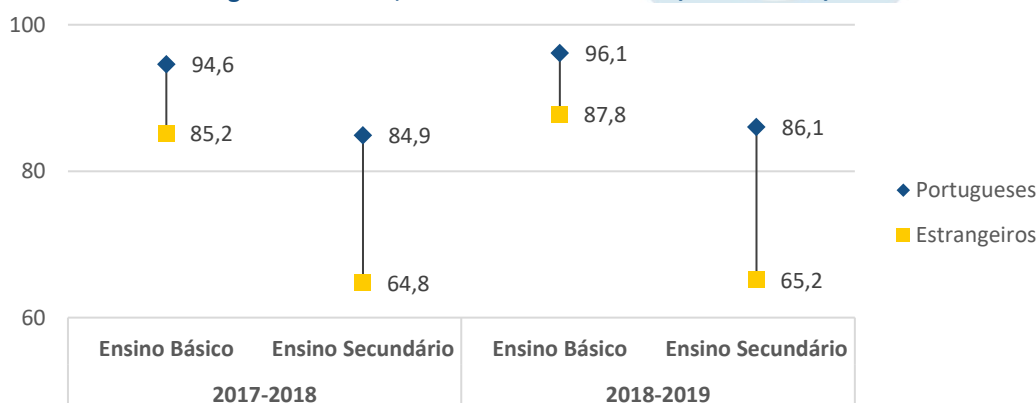


Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

Ao longo da última década verifica-se que as taxas de transição/conclusão no ensino secundário são mais baixas no grupo dos estudantes estrangeiros do que nos estudantes com nacionalidade portuguesa. Desde o ano letivo de 2012/13, tem-se verificado um aumento progressivo da distância, em pontos percentuais, entre as taxas de transição/conclusão dos alunos estrangeiros e dos alunos portugueses (de 10,5 pontos percentuais em 2012/13 para 20,9 pontos percentuais em 2018/19), aumento que foi mais acentuado entre os anos letivos de 2015/2016 e 2017/2018. Nos últimos anos letivos, o aumento desta distância é consequência de uma melhoria nas taxas de transição/conclusão dos estudantes nacionais, não acompanhada no grupo dos estudantes estrangeiros, que têm mantido taxas de transição próximas dos 65% desde o ano letivo de 2016/2017.

Este padrão de resultados difere do verificado para o conjunto dos alunos do ensino básico e secundário português, em que se tem verificado nos últimos anos um ligeiro aumento das taxas de sucesso dos alunos estrangeiros e uma diminuição da distância face aos alunos portugueses (Oliveira e Gomes, 2019: 111), o que indica que **o secundário é um nível de ensino particularmente desafiante para os estudantes estrangeiros**. De facto, comparando as taxas de conclusão dos níveis básico e secundário, constatamos taxas de sucesso mais baixas no ensino secundário, quer para os alunos portugueses quer para os alunos estrangeiros, mas verificamos que esta diferença é mais acentuada para os alunos estrangeiros: no ano letivo de 2018/19 a taxa de transição/ conclusão dos alunos portugueses foi inferior no ensino secundário, por comparação com o básico, em 10,1 pontos percentuais, enquanto que para os alunos estrangeiros esta diferença foi de 22,6 pontos percentuais.

Taxa de transição/conclusão dos alunos no ensino básico e secundário, segundo a nacionalidade e nível de ensino, em Portugal Continental, nos anos letivos de 2017/2018 e 2018/2019



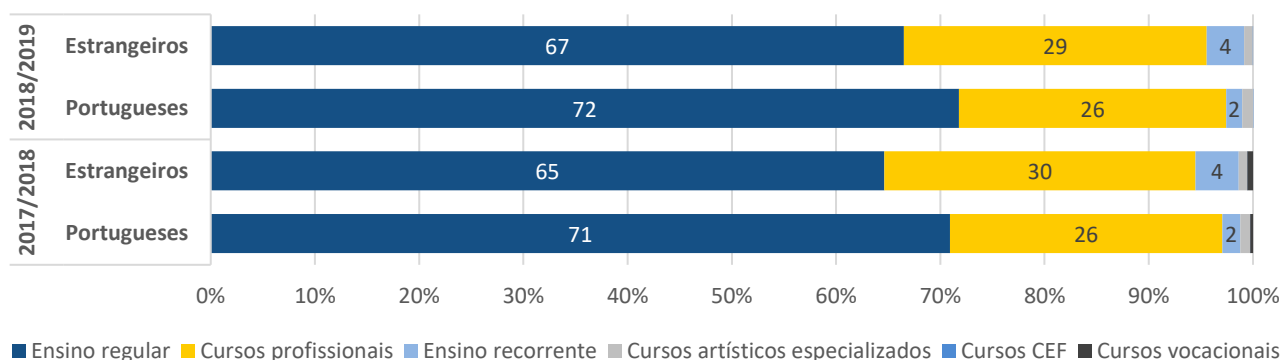
Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

Os menores níveis de sucesso no sistema de ensino português dos alunos estrangeiros, por comparação aos alunos portugueses, são coerentes com os resultados verificados nas avaliações PISA, tanto em Portugal como na generalidade dos países da OCDE. O padrão evolutivo das taxas de sucesso no ensino secundário destes dois grupos de alunos na última década, em que se verifica um aumento dos níveis de sucesso dos estudantes portugueses e uma manutenção das menores taxas de sucessos dos estudantes estrangeiros, é semelhante ao verificado nas avaliações PISA para o domínio de matemática, aquele em que os estudantes imigrantes em Portugal têm tendência a apresentar maiores dificuldades. **Numa fase em que o número e proporção de estudantes estrangeiros se encontra a aumentar no ensino português, o sucesso destes estudantes no último nível de ensino obrigatório permanece um desafio.** Há que considerar, no entanto, que os estudantes estrangeiros em Portugal não são um todo homogéneo, coexistindo diferentes perfis migratórios. De forma a permitir traçar um retrato mais detalhado deste universo de alunos, apresentam-se de seguida os dados administrativos nacionais relativos à presença e sucesso dos estudantes estrangeiros no ensino secundário português, desagregados por diversas variáveis relevantes.

4.1. Modalidade e ano de ensino

De forma semelhante aos alunos portugueses, os estudantes estrangeiros no ensino secundário português encontram-se maioritariamente a frequentar o ensino regular (67% em 2018/19), existindo também uma proporção significativa de estudantes inscritos em cursos profissionais (29% em 2018/19). Verifica-se que a percentagem de alunos inscritos em cursos profissionais é ligeiramente superior no grupo dos estudantes estrangeiros, por comparação com os estudantes portugueses (diferença de 4% no ano letivo de 2018/19 e de 3% em 2019/20). Constata-se ainda que nestes dois anos letivos a percentagem de alunos estrangeiros inscritos no ensino recorrente (4%) é o dobro da percentagem de alunos portugueses (2%), embora esta modalidade de ensino represente uma proporção pequena dos estudantes de ambos os grupos.

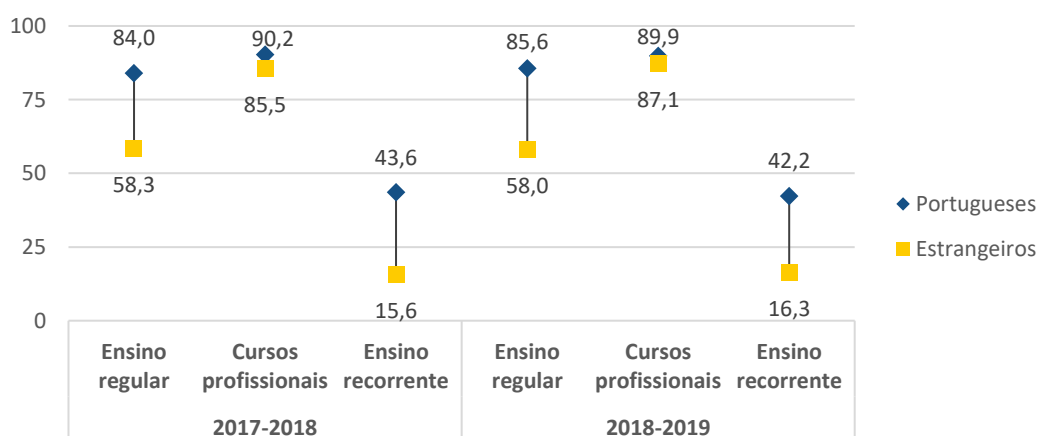
Percentagem de alunos matriculados no ensino secundário, por modalidade de ensino, em Portugal Continental, nos anos letivos de 2017/2018 e 2018/2019



Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

Analisando as taxas de sucessos nas três modalidades de ensino mais escolhidas, verificam-se diferenças marcadas: tanto para os estudantes nacionais como para os estudantes estrangeiros, as taxas de transição/conclusão são mais elevadas no ensino profissional, seguindo-se o ensino regular e depois, com taxas de sucesso particularmente baixas, o ensino recorrente. Constata-se também que as diferenças no nível de sucesso de alunos portugueses e estrangeiros se distribuem de forma diferente nas várias modalidades de ensino: no ensino profissional os alunos estrangeiros alcançam a menor diferença face aos colegas portugueses (diferença de 5 pontos percentuais em 2017/18 e de 3 pontos em 2018/19); no ensino regular e no ensino recorrente a distância entre os dois grupos de estudantes situa-se, nos dois anos letivos, entre os 26 e os 28%. **O ensino profissional é assim a modalidade em que os estudantes estrangeiros mais se aproximam, em termos das suas taxas de sucesso, dos estudantes portugueses, sendo as maiores dificuldades de sucesso dos alunos estrangeiros observadas no ensino regular (onde se engloba a maioria destes estudantes) e no ensino recorrente.**

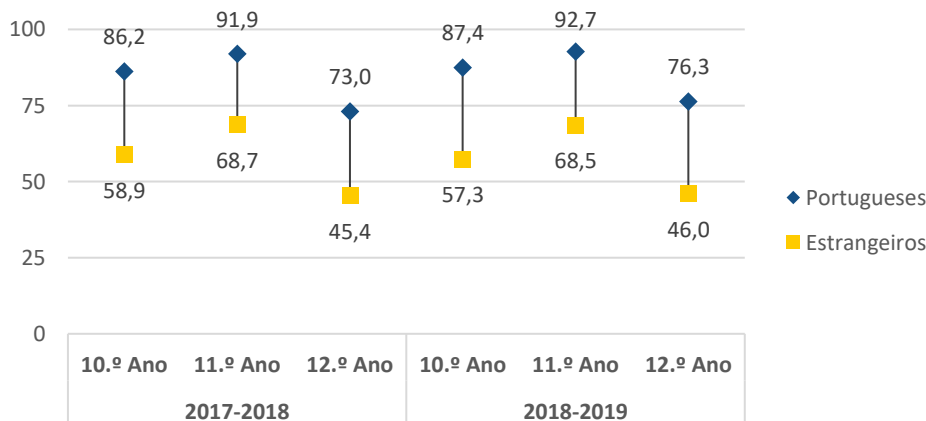
Taxa de transição/conclusão dos alunos do ensino secundário, segundo a modalidade de ensino, em Portugal Continental, nos anos letivos de 2017/2018 e 2018/2019



Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

No universo dos alunos que frequentam o ensino regular, constata-se ainda diferenças nas taxas de transição/conclusão nos vários anos de ensino. Para os estudantes estrangeiros e portugueses, verificam-se taxas mais elevadas de transição no 11.º ano, sendo estas taxas menores no 10.º ano (ano de adaptação ao novo nível de ensino) e, sobretudo, no 12.º ano (ano em que a conclusão implica o sucesso a todas as disciplinas). O 10.º e o 12.º anos são também os anos em que a distância entre as taxas de sucesso dos alunos estrangeiros e portugueses é maior. Destacam-se como particularmente problemáticas as taxas de conclusão dos estudantes estrangeiros no 12.º ano: dos estudantes estrangeiros inscritos no 12.º ano do ensino regular, menos de metade conseguem concluir o ano com sucesso (45% em 2017/18 e 46% em 2018/19).

Taxa de transição/conclusão dos alunos inscritos no ensino regular do ensino secundário, segundo o ano de ensino, em Portugal Continental, nos anos letivos de 2017/2018 e 2018/2019

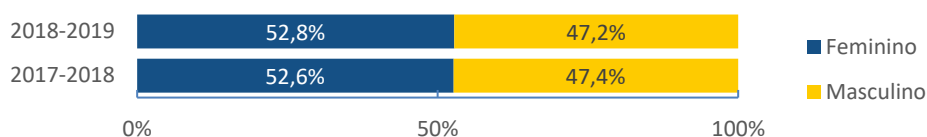


Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

4.2. Sexo

A distribuição por sexo dos alunos estrangeiros matriculados no ensino secundário é relativamente equilibrada, verificando-se nos anos letivos de 2017/18 e 2018/19 uma ligeira prevalência de estudantes do sexo feminino, que constituíram nestes dois anos cerca de 53% do total de estudantes estrangeiros, face aos 47% representados pelos estudantes masculinos.

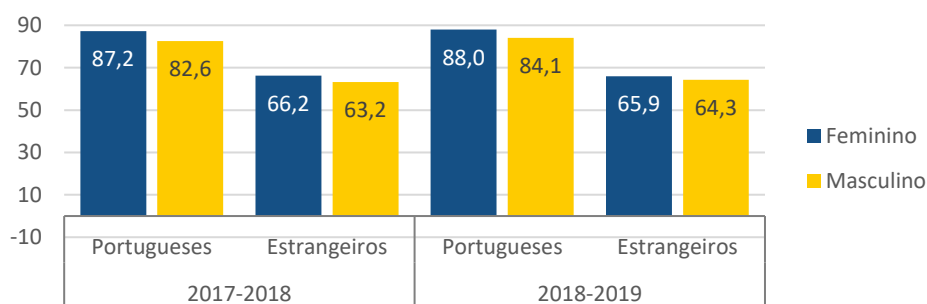
Percentagem de alunos estrangeiros matriculados no ensino secundário, segundo o sexo, em Portugal Continental, nos anos letivos de 2017/2018 e 2018/2019



Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

As taxas de transição/conclusão no ensino secundário são ligeiramente mais elevadas para as alunas do sexo feminino do que para os estudantes do sexo masculino, tanto no grupo dos estudantes portugueses como no grupo de estrangeiros. Os maiores níveis de sucesso das raparigas são consistentes com a tendência internacional constatada nas avaliações PISA para o domínio da leitura ([IAVE, 2019: 52](#)). Apesar da vantagem face aos rapazes do mesmo grupo de nacionalidade, constata-se que a diferença nas taxas de sucesso entre portugueses e estrangeiros é ligeiramente maior para as alunas do sexo feminino do que para os seus colegas do sexo masculino: as alunas estrangeiras tiveram uma taxa de sucesso inferior às alunas portuguesas em 21 pontos percentuais em 2017/18 e em 22 pontos percentuais em 2018/19; para os alunos do sexo masculino, esta diferença foi de 19,4 pontos percentuais em 2017/18 e de 19,8 pontos percentuais em 2018/19. Não obstante estas ligeiras diferenças entre sexos, verifica-se uma dificuldade consistente, tanto dos rapazes como das raparigas estrangeiras, em acompanhar os níveis de sucesso dos seus colegas portugueses.

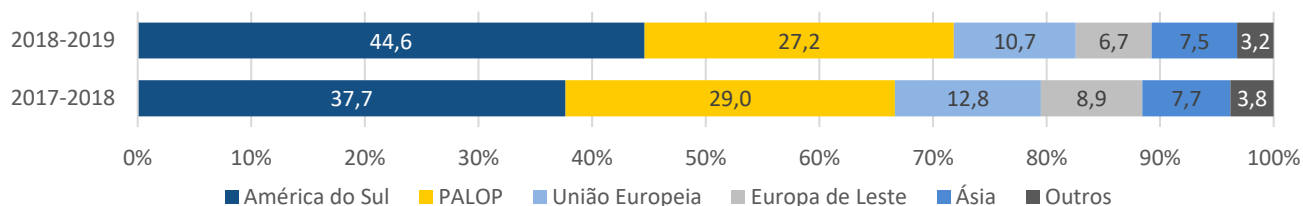
Taxa de transição/conclusão dos alunos estrangeiros no ensino secundário, segundo o sexo, em Portugal Continental, nos anos letivos de 2017/2018 e 2018/2019



Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

4.3. Nacionalidade

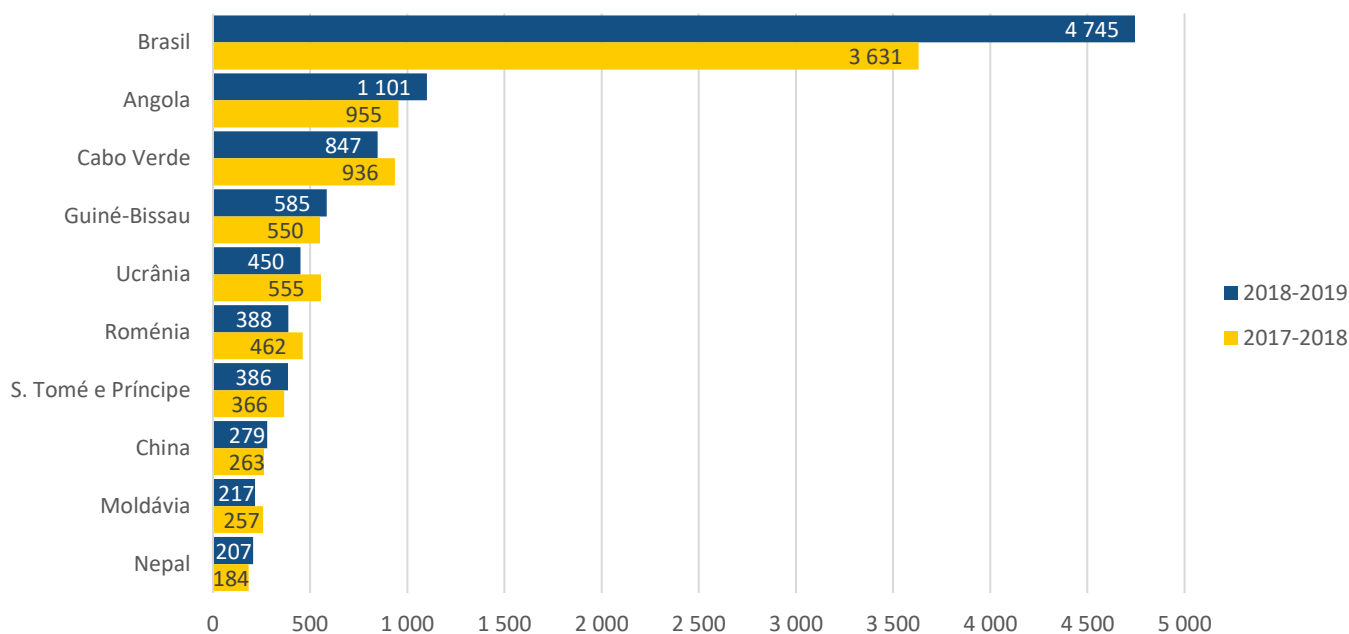
Percentagem de alunos estrangeiros matriculados no ensino secundário, segundo os principais grupos de nacionalidade, em Portugal Continental, nos anos letivos de 2017/2018 e 2018/2019



Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

Nos alunos estrangeiros matriculados no ensino secundário nos anos letivos de 2017/18 e 2018/19, conta-se que o grupo de nacionalidade mais comum é o dos estudantes nacionais da América do Sul (dominado por estudantes de nacionalidade brasileira), seguido dos PALOP e da União Europeia. Assumem ainda uma proporção significativa os estudantes da Europa de Leste e da Ásia. Entre os dois anos letivos denota-se um aumento significativo dos alunos nacionais da América do Sul (aumento de 37,7% em 2017/18 para 44,6% em 2018/19), acompanhado de uma ligeira diminuição do peso relativo dos restantes grupos de nacionalidade.

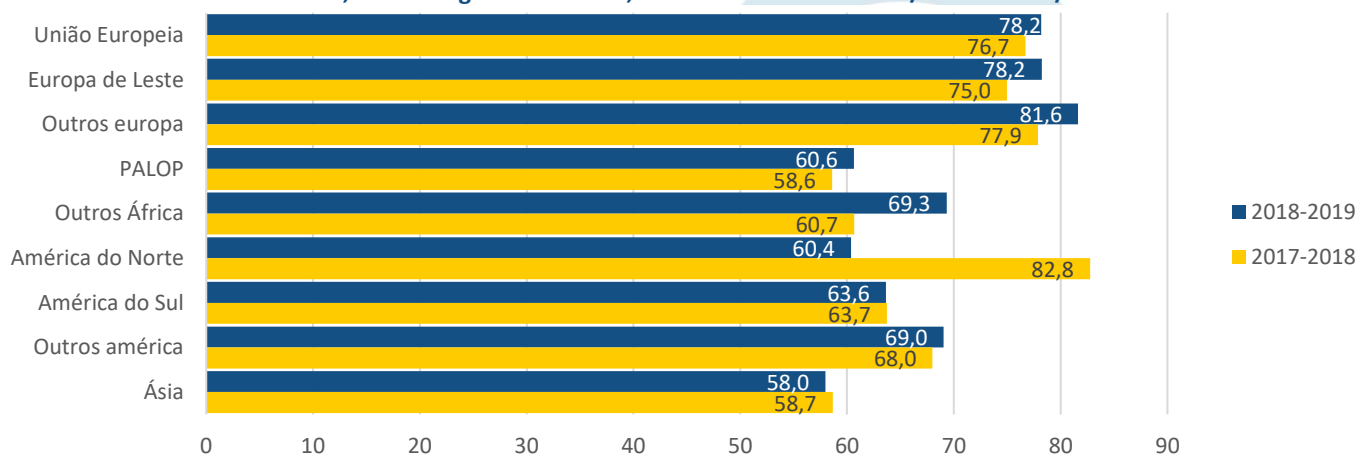
N.º de alunos estrangeiros matriculados no ensino secundário, segundo as dez nacionalidades mais representadas, em Portugal Continental, nos anos letivos de 2017/2018 e 2018/2019



Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

Analisando as dez nacionalidades mais representadas entre os alunos estrangeiros no ensino secundário, verifica-se que nos anos letivos de 2017/18 e 2018/19 a nacionalidade brasileira se destaca com o maior número de alunos, ocorrendo um aumento significativo do número destes estudantes entre os dois anos letivos (aumento de 31%). Nas três posições seguintes, em 2018/19, encontram-se os alunos angolanos (com um aumento de 15% entre os dois anos letivos), cabo-verdianos e da Guiné-Bissau. **As quatro nacionalidades mais representadas em 2018/19 são assim de países de língua oficial portuguesa, representando no seu conjunto 65,5% dos estudantes estrangeiros inscritos no ensino secundário**, o que ajuda a perceber porque é que, no contexto do PISA 2018, Portugal surge como um dos países da OCDE com menor proporção de estudantes imigrantes que não falam a língua do país de acolhimento em casa ([PISA, 2019b](#)). Nas restantes posições surgem os alunos da Ucrânia, Roménia, São Tomé e Príncipe, China, Moldávia e Nepal. Na evolução entre os dois anos letivos destaca-se a diminuição do número de estudantes da Ucrânia (diminuição de 19% entre 2017/18 e 2018/19), da Roménia (diminuição de 16%) e da Moldávia (diminuição de 16%).

Taxas de transição/conclusão dos alunos matriculados no ensino secundário, segundo os principais grupos de nacionalidade, em Portugal Continental, nos anos letivos de 2017/2018 e 2018/2019

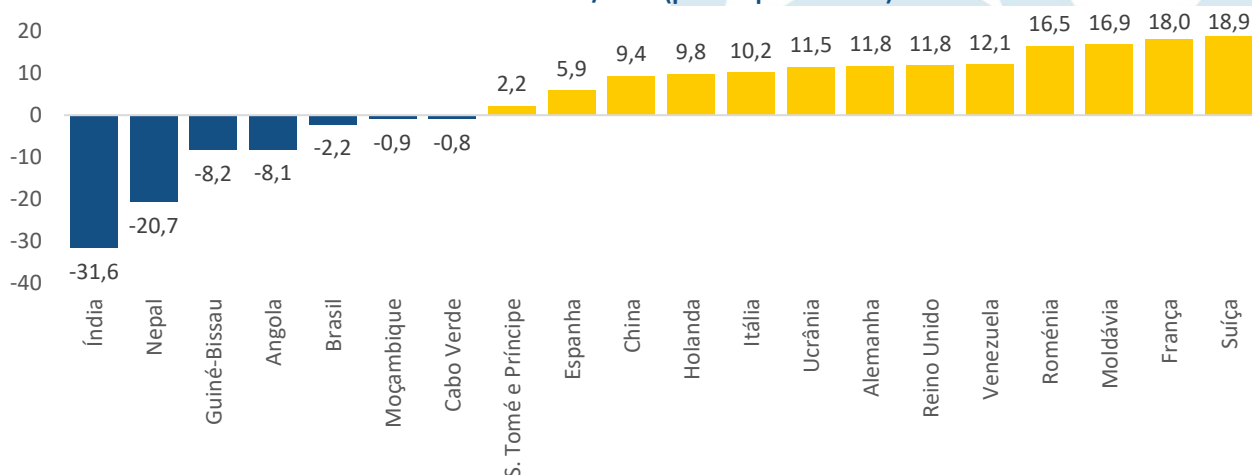


Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

Nos anos letivos de 2017/18 e 2018/19, os grupos de nacionalidade que obtiveram, de forma consistente, melhores taxas de aproveitamento escolar foram os do continente europeu, com taxas de transição entre os 75% e os 78% em 2017/18 e entre os 78% e os 82% em 2018/19. Os estudantes da América do Norte atingiram também bons níveis de sucesso escolar em 2017/18 (83%), diminuindo significativamente estes níveis em 2018/19 (60%), variação que poderá ser explicada pelo número reduzido destes estudantes no ensino secundário (apenas 58 alunos em 2017/18 e 53 em 2018/19). Os grupos de nacionalidade com menores níveis de sucesso escolar são os dos continentes africano e asiático, registando-se, ainda assim, entre os dois anos letivos, uma melhoria nas taxas de sucesso dos alunos africanos (de 59-61% em 2018/19 para 61-69% em 2017/18) e uma ligeira diminuição nos níveis de sucesso dos alunos asiáticos (de 59% em 2017/18 para 58% em 2018/19).

Analisando as taxas de sucesso dos alunos das 20 nacionalidades mais representadas no ensino secundário, verificamos que em 2018/19 os alunos que conseguiram melhores níveis de sucesso, quando comparados com a média de alunos estrangeiros, foram os de nacionalidade suíça, francesa, moldava e romena. Por contraste, os alunos que registam as taxas de transição mais baixas são os nacionais da Índia, Nepal, Guiné-Bissau e Angola.

Diferença entre a taxa de transição/conclusão dos alunos matriculados no ensino secundário, segundo as 20 nacionalidades mais representadas, e a taxa de transição média do total de estrangeiros, em Portugal Continental, no ano letivo de 2018/2019 (pontos percentuais)



Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

Verifica-se assim que são os alunos nacionais de **países europeus** quem apresenta as taxas de sucesso mais altas, em particular da Suíça (84,1% em 2018/19) e de alguns países da União Europeia (destacando-se a França, com 83,2%, e a Roménia, com 81,7%) e da Europa de Leste (destacando-se a Moldávia, com 82%). Entre os anos letivos de 2017/18 e 2018/19 destaca-se, por um lado, a evolução positiva das taxas de transição/conclusão dos alunos da Itália (subida de 10,5 pontos percentuais) e, por outro, a descida nas taxas de sucesso da Espanha (diminuição de 8,1 pontos percentuais). Já os alunos nacionais dos **países africanos** atingiram em 2018/19 uma taxa global de sucesso de 61,1%, inferior em 4,1 pontos percentuais à média dos alunos estrangeiros, registando-se, no entanto, uma ligeira evolução (+2,4 pontos percentuais) face a 2017/18. Das nacionalidades africanas mais representadas, apenas os alunos de São Tomé e Príncipe conseguem em 2018/19 uma taxa de sucesso superior à média dos alunos estrangeiros (+2,2 pontos percentuais), registando também uma evolução positiva face à taxa do ano letivo anterior (+4,2 pontos percentuais). Relativamente aos países da **América do Sul**, verifica-se que a taxa de sucesso dos alunos brasileiros se manteve estável entre 2017/18 e 2018/19 (63,5% e 65%), não sendo assim influenciada pelo aumento do número de estudantes deste país (imigrantes de 1.ª geração). Destacam-se positivamente os resultados obtidos pelos alunos venezuelanos, com uma taxa de sucesso de 77,3% em 2018/19 (superior em 12,1 pontos percentuais à taxa média dos estrangeiros).

Boletim Estatístico OM

OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES

Nos estudantes **asiáticos** observa-se alguma heterogeneidade nos níveis de sucesso em função da nacionalidade: por um lado, os alunos chineses conseguem em 2018/19 taxas de transição/conclusão superiores em 9,4 pontos percentuais ao total de alunos estrangeiros; por outro lado, os alunos da Índia e do Nepal destacam-se entre as nacionalidades estrangeiras com as taxas de transição mais baixas no ensino secundário (44,4% para o Nepal e 33,6% para a Índia).

Taxas de transição/conclusão dos alunos estrangeiros matriculados no ensino secundário, segundo os principais grupos e países de nacionalidade, em Portugal Continental, nos anos letivos de 2017/2018 e 2018/2019

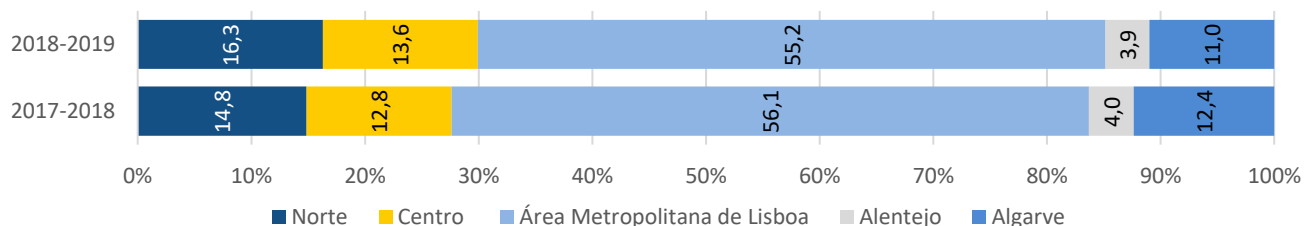
Principais nacionalidades	N 2017-2018	N 2018-2019	Taxa de transição/ conclusão 2017-2018	Taxa de transição/ conclusão 2018-2019	Diferença face ao total de estrangeiros 2018-2019	Diferença face aos portugueses 2018-2019
União Europeia	1 293	1 191	76,7	78,2	+13,0	-7,9
França	145	131	80,0	83,2	+18,0	-2,9
Roménia	462	388	81,2	81,7	+16,5	-4,4
Reino Unido	123	100	69,9	77,0	+11,8	-9,1
Alemanha	113	104	71,7	76,9	+11,8	-9,2
Itália	91	134	64,8	75,4	+10,2	-10,7
Holanda	76	60	78,9	75,0	+9,8	-11,1
Espanha	115	121	79,1	71,1	+5,9	-15,0
Outros União Europeia	168	153	73,8	75,8	+10,6	-10,3
Europa de Leste	899	744	75,0	78,2	+13,1	-7,9
Moldávia	257	217	78,2	82,0	+16,9	-4,1
Ucrânia	555	450	74,1	76,7	+11,5	-9,4
Outros Europa de Leste	87	77	71,3	76,6	+11,5	-9,5
Outros Países Europa	122	98	77,9	81,6	+16,5	-4,4
Suíça	94	69	77,7	84,1	+18,9	-2,0
África	3 068	3 191	58,7	61,1	-4,1	-25,0
São Tomé e Príncipe	366	386	63,1	67,4	+2,2	-18,7
Cabo Verde	936	847	61,4	64,3	-0,8	-21,7
Moçambique	111	109	73,0	64,2	-0,9	-21,9
Angola	955	1101	53,8	57,0	-8,1	-29,0
Guiné-Bissau	550	585	56,2	56,9	-8,2	-29,2
Outros África	150	163	60,7	69,3	+4,2	-16,8
América do Sul	3 790	4 958	63,7	63,6	-1,5	-22,4
Venezuela	91	132	70,3	77,3	+12,1	-8,8
Brasil	3 631	4 745	63,5	63,0	-2,2	-23,1
Outros América do Sul	68	81	69,1	77,8	+12,6	-8,3
América do Norte	58	53	82,8	60,4	-4,8	-25,7
Outros América	50	42	68,0	69,0	+3,9	-17,0
Ásia	779	835	58,7	58,0	-7,2	-28,1
China	263	279	77,9	74,6	+9,4	-11,5
Nepal	184	207	40,2	44,4	-20,7	-41,6
Índia	133	140	39,1	33,6	-31,6	-52,5
Outros Ásia	199	209	63,3	65,6	+0,4	-20,5
Oceânia	4	2	75,0	50,0	-15,2	-36,1
Total estrangeiros	10 064	11 114	64,8	65,2	0,0	-20,9
Portugueses	231 695	225 681	84,9	86,1	20,9	0,0

Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento da autora).

4.4. Localização geográfica em Portugal

Em termos da distribuição geográfica dos alunos estrangeiros em Portugal Continental, verifica-se uma concentração da maior parte dos estudantes na Área Metropolitana de Lisboa (55,2% em 2018/19), seguindo-se a região do Norte (16,3%), o Centro (13,6%), o Algarve (11%) e o Alentejo (3,9). Este padrão de distribuição geográfica reflete as tendências globais de residência observadas para população estrangeira em Portugal (Oliveira e Gomes, 2019).

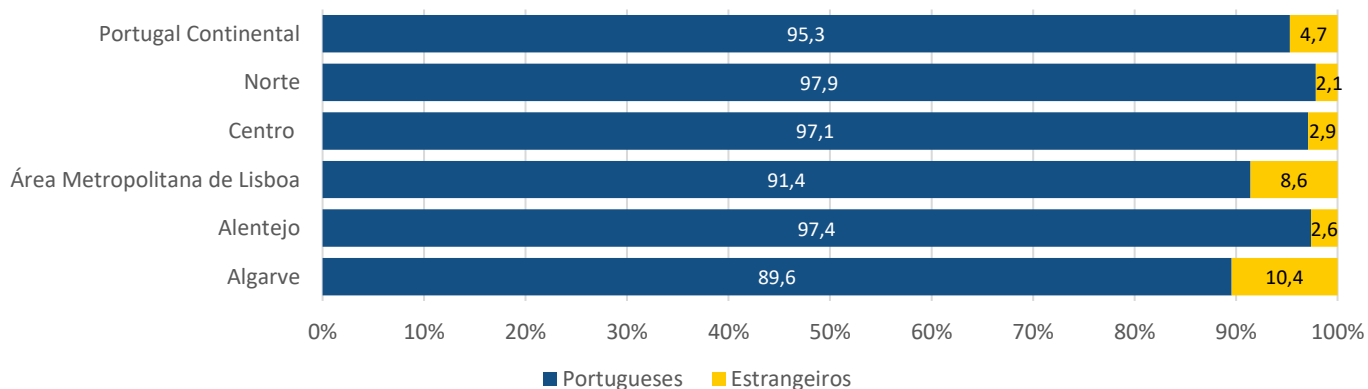
Percentagem de alunos estrangeiros matriculados no ensino secundário, segundo a região NUTII, em Portugal Continental, nos anos letivos de 2017/2018 e 2018/2019



Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

Apesar do maior número absoluto de estudantes estrangeiros no ensino secundário se verificar na Área Metropolitana de Lisboa, a importância relativa destes estudantes no universo total de estudantes de cada região ganha maior peso na região do Algarve, em que os estudantes estrangeiros representaram em 2018/19 10,4% do total de alunos matriculados no ensino secundário. No restante território continental, observa-se em 2018/19 que 8,6% do total de estudantes do ensino secundário nas escolas da Área Metropolitana de Lisboa eram estrangeiros, enquanto nas restantes regiões do país este valor se situou entre os 2% e os 3%.

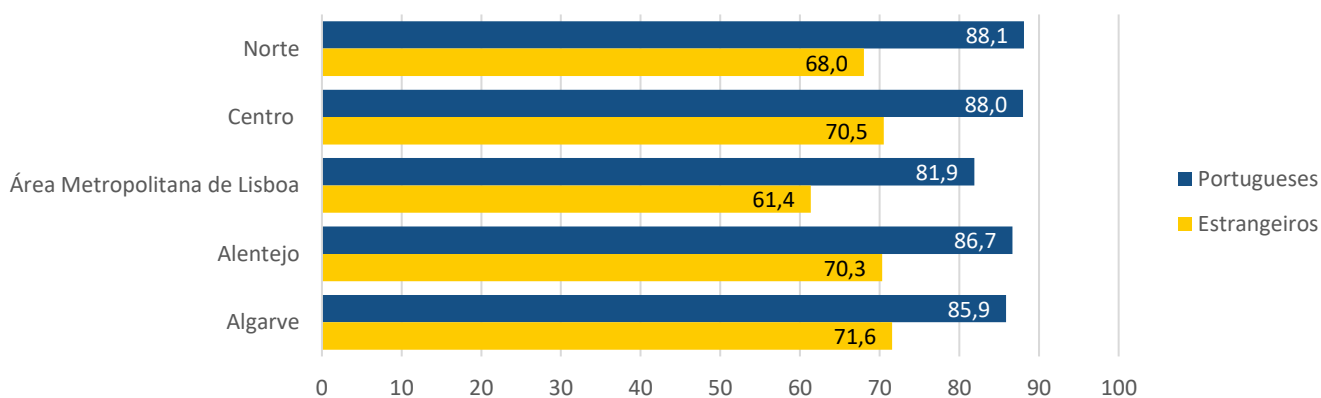
Percentagem de alunos matriculados no ensino secundário, segundo a nacionalidade e a região NUTII, no ano letivo de 2018/2019



Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).

As taxas de transição/conclusão dos alunos estrangeiros no ensino secundário não são uniformes nas várias regiões do país, sendo mais baixas na Área Metropolitana de Lisboa (61,4% em 2018/19) e na região Norte (68% em 2018/19). Nas restantes regiões de Portugal Continental, as taxas de sucesso destes estudantes oscilam, em 2018/19, entre os 70 e os 72%. Os menores níveis de sucesso escolar na Área Metropolitana de Lisboa não se verificam apenas no grupo dos estudantes estrangeiros, sendo também esta a região do país onde se registam as taxas de sucesso mais baixas para os alunos portugueses. No entanto, é nesta zona geográfica que se observa a maior distância entre as taxas de transição/conclusão dos dois grupos de alunos: em 2018/19, na Área Metropolitana de Lisboa, as taxas de sucesso dos alunos estrangeiros foram inferiores às dos alunos portugueses em 20,5 pontos percentuais. Esta distância é também significativa na região Norte (20,1 pontos percentuais), seguindo-se a zona Centro (17,5 pontos percentuais), o Alentejo (16,3 pontos percentuais) e o Algarve (14,3 pontos percentuais). Sendo a Área Metropolitana de Lisboa a zona de Portugal Continental onde se localiza o maior número de alunos estrangeiros, esta poderá ser uma área propensa à concentração de um elevado número de estudantes estrangeiros em determinadas escolas, o que é um fator de desafio à integração e sucesso escolar destes alunos (conforme demonstrado no PISA 2018 a partir do índice de segregação dos estudantes; [PISA, 2019b](#)). Neste aspeto, destaca-se positivamente a região do Algarve onde, apesar de se registar a maior proporção de alunos estrangeiros no total de alunos inscritos no ensino secundário, estes alunos obtêm em 2018/19 os melhores níveis de sucesso escolar, por comparação com as restantes regiões de Portugal Continental.

Taxas de transição/conclusão dos alunos matriculados no ensino secundário, segundo a nacionalidade e a região NUTII, em Portugal Continental, no ano letivo de 2018/2019



Fonte: DGEEC (sistematização e tratamento gráfico da autora).